

CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG
ADRIKA NALINE DRUM

O ARQUITETO E URBANISTA COMO AGENTE TRANSFORMADOR DO
ESPAÇO CONTEMPORÂNEO

CASCADEL

2020

CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG

ADRIKA NALINE DRUM

**O ARQUITETO E URBANISTA COMO AGENTE TRANSFORMADOR DO
ESPAÇO CONTEMPORÂNEO**

Trabalho de Conclusão do Curso de Arquitetura e Urbanismo, da FAG, apresentado na modalidade Teórico-conceitual, como requisito parcial para a aprovação na disciplina: Trabalho de Curso: Defesa.

Professora Orientadora: Arq. M^a Sirlei Maria Oldoni.

CASCADEL

2020

ADRIKA NALINE DRUM

**O ARQUITETO E URBANISTA COMO AGENTE TRANSFORMADOR DO
ESPAÇO CONTEMPORÂNEO**

DECLARAÇÃO

Declaro que realizei em maio de 2020 a revisão linguístico textual, ortográfica e gramatical da monografia de Trabalho de Curso denominado: **O Arquiteto e Urbanista como agente transformador do espaço contemporâneo**, de autoria de **Adrika Naline Drum**, discente do Curso de Arquitetura e Urbanismo – FAG e orientado por **Sirlei Maria Oldoni**.

Tal declaração contará das encadernações e arquivo magnético da versão final do TC acima identificado.

Cascavel, 29 de maio, 2020



ALÉX VINÍCIUS FERREIRA DE LIMA

Licenciado em Letras/FAG/2015

RG: 10.7055.008-6, SSP/PR

CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG

ADRIKA NALINE DRUM

**O ARQUITETO E URBANISTA COMO AGENTE TRANSFORMADOR DO
ESPAÇO CONTEMPORÂNEO**

Trabalho apresentado no Curso de Arquitetura e Urbanismo, do Centro Universitário Assis Gurgacz, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo, sob a orientação da Professora Arquiteta Mestre Sirlei Maria Oldoni.

BANCA EXAMINADORA

Professora Orientadora

Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz

Profª. Arq. Me. Sirlei Maria Oldoni

Professora Avaliadora

Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz

Profª. Arq. Dra Solange Irene Smolarek Dias

Cascavel/PR, 02 de junho de 2020.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais por todo apoio e amor incondicional.

AGRADECIMENTOS

Á Deus por ter me guiado até aqui sempre sendo meu refúgio e fortaleza.

Aos meus pais Eroni e Oremes, por todo o amor, apoio, incentivo e dedicação, sem vocês nada seria possível, muito obrigada.

Meus irmãos Guilherme e Polyana por todo carinho e amor.

À minha avó Hortenila por todo amor e cuidado.

Á minha prima Luana por todos os conselhos e que esteve presente comigo diariamente nesse último ano de faculdade

Á todos os meus familiares e amigos que de alguma forma contribuíram e me incentivaram para a conclusão de mais uma etapa em minha vida.

Á minha orientadora Sirlei Maria Oldoni por todos os conhecimentos compartilhados, dedicação e apoio para a realização do trabalho, por acreditar em mim, no meu propósito e me fazer evoluir.

Á minha banca, Solange Irene Smolarek Dias pelas ricas contribuições e apoio para o desenvolvimento desse trabalho.

Aos professores que estiveram presentes na minha formação, por todo o conhecimento compartilhado.

Aos amigos e colegas que fiz durante os cinco anos de graduação.

Enfim, gratidão por toda a trajetória acadêmica.

RESUMO

A presente pesquisa está vinculada ao Grupo de Pesquisa de Estudos e discussões sobre Arquitetura e Urbanismo, com o tema: o papel do arquiteto e urbanista para a população em áreas de fragilidades sociais e econômicas. Partindo da necessidade de se preocupar a fundo nas discussões sobre o seguinte tema, como problema: quais os impactos da atuação do arquiteto e urbanista para a população em áreas de fragilidades sociais e econômicas no contexto contemporâneo? Parte-se da hipótese inicial de que os impactos sejam positivos, pois o profissional acaba promovendo ambientes que sejam mais seguros e que possam trazer uma vida digna às famílias que vivem em áreas de fragilidades sociais e econômicas no contexto atual. Objetivou-se em conceituar e apresentar fundamentos capazes de compreender o cenário de fragilidades sociais e econômicas atuais, assim como a atuação do arquiteto e urbanista, apresentarem obras de correlatos e um estudo de caso. Fundamentando-se na busca de revisões e referências bibliográficas, com o uso do método indutivo. O estudo de caso por meio de revisões bibliográficas e visita *in loco*, explanando fragilidades da comunidade de Heliópolis e a atuação da ONG Habitat para a Humanidade no local, realizando as análises qualitativas e quantitativas para a obtenção de resultados na conclusão da pesquisa.

Palavras chave: Arquitetura Social. Habitação no Brasil. Sociedade Contemporânea. Espaços de fragilidades sociais e econômicas.

ABSTRACT

This research is linked to the Research Group of Studies and discussions on Architecture and Urbanism, with the theme: the role of the architect and urban planner for the population in areas of social and economic weaknesses. Starting from the need to be deeply concerned in discussions on the following topic, as a problem: what are the impacts of the work of the architect and urban planner for the population in areas of social and economic weaknesses in the contemporary context? It starts from the initial hypothesis that the impacts are positive, as the professional ends up promoting environments that are safer and that can bring a dignified life to families that live in areas of social and economic fragility in the current context. The objective was to conceptualize and present fundamentals capable of understanding the current scenario of social and economic weaknesses, as well as the role of the architect and urban planner, presenting works of correlates and a case study. Based on the search for references and bibliographic references, using the inductive method. The case study through bibliographic reviews and on-site visits, explaining the weaknesses of the Heliópolis community and the performance of the NGO Habitat for Humanity on the spot, carrying out qualitative and quantitative analyzes to obtain results at the end of the research.

Keywords: Social Architecture. Housing in Brazil. Contemporary Society. Spaces of social and economic weaknesses.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Tabela de Desigualdade 2019.....	45
Tabela 2: Fragilidades quantitativas da comunidade de Heliópolis.....	57
Tabela 3: Quantitativo da atuação da ONG Habitat para a Humanidade em Heliópolis.....	58

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Fragilidades qualitativas.....	56
Quadro 2: Depoimentos dos correlatos.....	59
Quadro 3: Depoimentos do estudo de caso.....	60
Quadro 4: Resultados da análise.....	61

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Início das favelas no Rio de Janeiro, 1912.....	28
Figura 2: Localização da Quinta Monroy em Iquique, Chile.....	31
Figura 3: Quinta Monroy antes da intervenção.....	32
Figura 4: Quinta Monroy – projeto finalizado e autoconstrução.....	33
Figura 5: Implantação – Quinta Monroy.....	34
Figura 6 e 7: Localização e conexão da cidade formal com a informal do Conjunto Habitacional de Heliópolis Gleba G em São Paulo – SP.....	35
Figura 8: Implantação do Conjunto Habitacional de Heliópolis Gleba G.....	36
Figura 9: Passarelas em estrutura metálica.....	37
Figura 10 e 11: Condições da casa antes da reforma.....	38
Figura 12: Localização Vila Matilde, São Paulo.....	39
Figura 13: Implantação do terreno.....	39
Figura 14: Planta baixa pavimento térreo setorizada.....	40
Figura 15: Jardim interno.....	40
Figura 16: Planta baixa pavimento superior setorizada.....	40
Figura 17: Horta no pavimento superior.....	41
Figura 18: Mapa de Heliópolis.....	44
Figura 19: Comunidade de Heliópolis	46
Figura 20: Realidade de Heliópolis.....	46
Figura 21: Acompanhamento da obra.....	49
Figura 22: Reforma feita pela Habitat.....	49
Figura 23: Quarto das filhas de Eliene reformado pela Habitat.....	50
Figura 24: Casa da Regina e Mayara durante a reforma.....	52
Figura 25: Casa da Regina e Mayara reformada.....	53
Figura 26: Fluxograma da metodologia de análise.....	55

LISTA DE SIGLAS

ABM – Associação Brasileira de Municípios

CAU/BR – Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil

CAU/MG – Conselho de Arquitetura e Urbanismo de Minas Gerais

CIAM – Congresso Internacional de Arquitetura Moderna

DFID – Department for International Development

FAG – Fundação Assis Gurgacz

GUEDAU – Grupo de Pesquisa Estudos e discussões sobre arquitetura e urbanismo

IAPAS - Instituto de Administração da Providência e Assistência Social

IPTU – Imposto Predial e Território Urbano

ONG – Organização não governamental

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios

PIA – População em idade ativa

PMCMV – Programa Minha Casa Minha Vida

PSF – Programa Saúde de Família

PVSDsD – Programa de Vivienda Social Dinámica sin Deuda

SEHAB – Secretaria Municipal de Habitação

SUS – Sistema Único de Saúde

UBS – Unidade Básica de Saúde

ZMISa - Zona Mista de Interesse Social ambiental

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1 FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS E REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DIRECIONADAS AO TEMA DA PESQUISA.....	16
1.1 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS NOS FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS.....	16
1.2 ARQUITETURA E URBANISMO	19
1.2.1 Atuação do arquiteto e urbanista e sua função social.....	21
1.3 SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.....	24
1.3.1 Espaços com população em fragilidades sociais e econômicas.....	26
1.4 SÍNTESE DO CAPÍTULO.....	30
2 CORRELATOS.....	31
2.1 QUINTA MONROY – IQUIQUE, CHILE.....	31
2.2 CONJUNTO HABITACIONAL DE HELIÓPOLIS GLEBA G – SÃO PAULO, BRASIL.....	35
2.3 CASA VILA MATILDE – SÃO PAULO, BRASIL.....	38
2.4 SÍNTESE DO CAPÍTULO.....	42
3. APLICAÇÕES NO TEMA DELIMITADO: COMUNIDADE DE HELIÓPOLIS E A ATUAÇÃO DA ONG HABITAT PARA A HUMANIDADE BRASIL.....	43
3.1 COMUNIDADE DE HELIÓPOLIS.....	43
3.2 HABITAT PARA A HUMANIDADE.....	47
3.3 COMUNIDADE DE HELIÓPOLIS E A ATUAÇÃO PROFISSIONAL DA HABITAT	48
3.4 SÍNTESE DO CAPÍTULO.....	53

4. ANÁLISES DA APLICAÇÃO.....	54
4.1 METODOLOGIA DE ANÁLISE.....	54
4.2 ANÁLISE: FRAGILIDADES SOCIAIS E ECONÔMICAS.....	56
4.3 ANÁLISE: MUDANÇAS OCORRIDAS NO LOCAL E A PARTIR DA ATUAÇÃO DO ARQUITETO E URBANISTA EM HELIÓPOLIS E NAS OBRAS CORRELATAS..	58
4.4 RESULTADOS DE ANÁLISE.....	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS.....	64

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa está vinculada ao Trabalho de Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz – FAG. Insere-se ao Grupo de Pesquisa Estudos e discussões sobre arquitetura e urbanismo (GUEDAU) com o intuito de discutir sobre arquitetura de interesse social com foco no papel do arquiteto e urbanista para a população em áreas de fragilidades sociais e econômicas nos espaços contemporâneos.

O interesse da pesquisa busca promover a ampliação da visão social da profissão de arquiteto e urbanista, sua importância e relevância para os espaços contemporâneos com fragilidades sociais e econômicas e apresentar seus campos sociais de atuação. No âmbito social, o entendimento da real função do profissional, sua importância e valor de contribuição social. No universo acadêmico, a busca por atuações sociais em espaços contemporâneos para apresentar diversas camadas de atuação para os futuros profissionais. Na área profissional, a motivação na prática em diversas esferas sociais.

Como problema de pesquisa partiu-se da seguinte questão: quais os impactos da atuação do arquiteto e urbanista para a população em áreas de fragilidades sociais e econômicas no contexto contemporâneo? Dessa maneira propõe-se como hipótese de que: os impactos sejam positivos, pois o profissional acaba promovendo ambientes que sejam mais seguros e que possam trazer uma vida digna às famílias que vivem em áreas de fragilidades sociais e econômicas no contexto atual.

O objetivo geral da pesquisa está em compreender o papel do arquiteto e urbanista como agente transformador de espaços contemporâneos para a população que vive em áreas com fragilidades sociais e econômicas. Complementando com os seguintes objetivos específicos: 1) Definir arquitetura e urbanismo; 2) Apresentar a atuação profissional do arquiteto e urbanista atualmente e sua função social; 3) Apresentar a sociedade contemporânea; 4) Apresentar o real cenário de áreas de fragilidades sociais e econômicas; 5) Apontar e explicar aspectos de análise da arquitetura; 6) Apresentar a materialização do arquiteto e urbanista em locais de fragilidades sociais e econômicas; 7) Analisar a atuação do arquiteto e urbanista em áreas de fragilidades sociais e econômicas; 8) Apresentar o estudo de caso; 9) Analisar com os correlatos as mudanças que a atuação do arquiteto e urbanista trouxe para a população em áreas de fragilidades sociais e econômicas. 10) Concluir respondendo o problema da pesquisa.

A pesquisa se sustenta no seguinte marco teórico: “Os arquitetos podem ser úteis a muita gente, não apenas aos ricos” (BAN, 2014, s.p).

A proposta desta pesquisa está fundamentada na coleta de informações diversas, que estejam relacionadas com as teorias que englobam o assunto da arquitetura e urbanismo e a função social do arquiteto no espaço contemporâneo, a sociedade contemporânea com foco em áreas de fragilidades sociais e econômicas. A busca de dados para a construção textual ocorreu por meio da revisão e pesquisa bibliográfica oriundas de livros, dissertações, teses, revistas científicas, sites, entrevistas e outras fontes de cunho acadêmico.

De acordo com Gil (2008, p. 50), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de coleta de dados de materiais já elaborados, principalmente de livros e artigos científicos. Uma das vantagens desse tipo de pesquisa o investigador tem acesso a uma grande matriz de fenômenos muito mais ampla, ao invés daquela pesquisa diretamente.

Marconi e Lakatos (2003, p. 83) afirmam que o método é como um conjunto de atividades sistemáticas e racionais capazes de transmitir maior segurança e economia para o pesquisador, alcançando seu objetivo. Para isso, deve-se utilizar de um método específico, que no caso desta pesquisa é o indutivo, a qual parte de princípios verdadeiros e se buscam ainda conclusões que podem ou não serem positivas, validando ou refutando a hipótese e alcançando a obtenção do objetivo geral.

Para tanto, o trabalho apresenta estudo de caso, que é entendido por Yin (2001, p. 32) como: um estudo de modo empírico que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de circunstâncias reais, quando demarcações entre o fenômeno e o contexto não são mais tão claras. Este estudo de caso trará exemplos da atuação do arquiteto e urbanista na contribuição para a renovação de espaços de fragilidades sociais e econômicas, bem como o auxílio desses projetos para o recomeço dessa população específica.

Este trabalho está organizado em quatro capítulos, o capítulo 1 apresenta os fundamentos arquitetônicos e revisão bibliográfica, etapa de busca dos elementos históricos relacionados ao tema da pesquisa. O capítulo 2 apresenta correlatos de projetos sociais com grande relevância mundial e nacional com ganhos de prêmios importantes para a arquitetura. O capítulo 3 apresenta o estudo de caso escolhido, a comunidade de Heliópolis e a atuação da ONG (Organização não Governamental). No capítulo 4 foi desenvolvida a análise e obtido os resultados finais para resposta ao problema proposto.

1 FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS E REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DIRECIONADOS AO TEMA DA PESQUISA

Este capítulo apresenta as aproximações teóricas do tema da pesquisa aos quatro pilares responsáveis para a formação do arquiteto e urbanista (História e Teorias, Projeto Arquitetônico, Tecnologia e Construção e Planejamento Urbano) e, para melhor incluir sobre o tema do trabalho, o capítulo apresenta algumas fundamentações teóricas, que envolvem a conceituação breve de arquitetura e urbanismo e a atuação do profissional atualmente, a sociedade contemporânea, e apresentação de espaços de fragilidades.

1.1 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS NOS FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS

O início da arquitetura surgiu com o nascimento das cidades, que por sua vez só foi possível graças à alimentação por terras agrícolas que a serviam (GLANCEY, 2001, p. 14). Nesse sentido, os primeiros sítios habitáveis se desenvolveram, principalmente, em áreas de solos férteis, entre os rios Tigre e Eufrates, na Mesopotâmia, rio Nilo no Egito, Hindus no Paquistão e rios Amarelo e YangTsé-Kiang na China, por exemplo (ABIKO, ALMEIDA e BARREIROS, 1995, p. 3).

Segundo Benevolo (1993, p. 32) a partir do terceiro milênio, as cidades da Mesopotâmia se desenvolvem economicamente, tendo que por sua vez o início de centros econômicos, ou seja, capitais. O mesmo autor ainda diz que o que favorece o crescimento de uma cidade é o aumento de serviços e indústrias evoluem.

Sendo assim, a sociedade precisou se organizar juntamente com o Estado, Grécia foi pioneira nessa organização. Benevolo (1993, p. 75) afirma que no novo ambiente se formou uma nova cultura, que segue como base da atual tradição intelectual. A organização da *polis*, a cidade – Estado trouxe grandes resultados para a cultura social, como literatura, ciência e arte.

A partir da Revolução Industrial que o cenário urbano se altera de maneira rápida, trazendo muitas conseqüências que se refletem até os dias atuais. “A sociedade industrial é urbana”, disse Choay (1992, p. 1) e complementa que a sociedade industrial é especialista em planejamento urbano, mas ao mesmo tempo produz metrópoles, conurbações, cidades industriais e grandes conjuntos habitacionais, resultando em um urbanismo contestado e com questionamentos.

Portanto, no cenário Revolução Industrial o meio urbano apresentou desvantagens de ordem física, como o congestionamento do tráfego devido muitas pessoas saírem do campo para as cidades e a insalubridade por falta de infraestrutura. No final do século XIX, os problemas da cidade industrial cresceram de maneira desorganizada, incapaz de serem eliminados por completo (BENEVOLO, 1993, p. 552).

Devido esse aumento rápido da cidade, a mesma sofre transformações, o núcleo, centro com um aglomerado muito maior de pessoas com estrutura já formada desde a Idade Média, onde contem os principais monumentos e edifícios de caráter público, surge a periferia, local das classes mais pobres que abandonam o grande centro para viverem em casas velhas com os recém imigrantes (BENEVOLO, 1993, p. 565).

O autor complementa que a cidade industrial perde a uniformidade da cidade antiga, não existindo mais um ambiente comum, por conta da diferença de classes sociais divididos em diversos bairros – ricos, médios, pobres – e as famílias vivendo mais isoladas possíveis.

Com o agrupamento de inúmeras casas em um ambiente reduzido impediam o descarte dos restos e o desenvolvimento das atividades em meio público, ou seja, nas ruas corriam o esgoto descoberto ao mesmo tempo em que se acumulava o lixo, os animais e pessoas transitavam e as crianças se divertiam. Além disso, os bairros em desvantagens se localizavam próximos das indústrias e estradas de ferro, longe de áreas verdes (BENEVOLO, 1993, p. 566).

O período pós-industrial no final do século XIX nos países industrializados foi marcado pelo avanço urbano e descontrole espacial advindo do crescimento econômico. (ANDRADE, 2003, s.p). Portanto, devido ao grande número de problemas nas cidades, idealizadores e urbanistas em seus encontros discutiam soluções para tornar a cidade mais funcional e organizada. Uma das soluções foi trazida por Ebenezer Howard no final do século XIX propondo o movimento das Cidades – Jardins na Inglaterra (ANDRADE, 2003, s.p).

A proposta utópica de Howard em relação às cidades – jardins foi um esforço de resolver os problemas vindos com a industrialização por meio do desenho urbano para que as cidades tivessem a mínima distância com o campo. Uma verdadeira relação cidade-campo com as qualidades que cada uma poderia oferecer as oportunidades e entretenimento com a tranquilidade e beleza do campo. Com isso, a mobilidade das pessoas seria de forma natural como um ímã para a cidade próxima a natureza, considerada para a época uma fonte de renovação, felicidades e energia (ANDRADE, 2003, s.p).

Posteriormente a proposta de Howard, no ano de 1933, Le Corbusier apresentou No Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM), a Carta de Atenas que propunha que a cidade deveria possuir quatro funções: habitar; trabalhar; circular e cultivar o corpo e o espírito, e como objetivo: a ocupação do solo, a organização da circulação e a legislação (BENEVOLO, 1993, p. 630).

Diante disso o espaço urbano se torna importante e Corrêa (s.d., p.1) conceitua como um conjunto de diversas terras sobrepostas entre si. Especificamente áreas distintas entre si, como: central; comercial; serviços e gestão; áreas industriais e residenciais, diferentes em termos de formas e temática social; áreas de recreação, e outras com preparadas para a expansão territorial. Esse agrupamento de usos da terra se determina como a organização da cidade ou apenas como o espaço urbano fragmentado. Dessa maneira, o espaço urbano organizado nesse sentido representa a sociedade, ou seja, articulado e fragmentado, reflexo e condicionante social, um conjunto de representação e terreno de lutas. E os responsáveis que atuam como agentes sociais que fazem e refazem as cidades são: os proprietários dos meios de produção, sobretudo os grandes industriais; os proprietários fundiários; os promotores imobiliários; o Estado; os grupos sociais excluídos; profissionais atuantes em planejamentos urbanos.

Pereira (2010, p. 181) diz que devido essa revolução demográfica urbana, houve o amadurecimento em relação a diversos temas sociais, com a vinda de novos materiais foi possível a inicialização de programas de edifícios. Essa nova visão da sociedade advinda dessa revolução científica e industrial, a qual partiu do contexto vivido, o Iluminismo.

Na arquitetura não foi diferente, Pereira (2010, p. 182) completa que a ruptura com o clássico se deu nessa mesma época, com o espírito científico a arquitetura estava empenhada em investir no novo, voltando para si e realizando uma revisão conceitual.

A ideia de sensações e se sentir bem com o espaço em que habita se tornou cada vez mais importante para projetar e pensar as cidades.

Portanto, Gehl (2015, p. 63) afirma que o que importa para uma cidade não são o número de pessoas que nela habitam ou o próprio tamanho da cidade, mas sim as sensações e significado que os espaços possuem.

Nessa atuação da globalização, a cidade contemporânea se encontra em uma discussão entre metrópole individualizável e a aldeia global, entre a convergência e a divergência (PEREIRA, 2010, p. 308).

Pereira (2010, p. 309) complementa que o antagonismo da discussão entre utopia e realidade, encontra sua conexão no valor da metrópole como um grupo de multiforme de funções, conexões e intercâmbios, porém, desta vez como sistema físico em constantes mudanças.

1.2 ARQUITETURA E URBANISMO

Arquitetura é dividida por Colin (2000, p. 21) em três pontos principais: entendida como uma profissão de nível superior, com estudo nas áreas técnicas, de humanidades e de treinamento; um produto cultural antropológico, cuja arquitetura de povos anteriores aos nossos mostram sua civilização, hábitos, sociedade e conhecimento técnico; e como arte, em que todo o processo de produção obteve excelência estética, ou seja, em que o arquiteto usou o conhecimento, sensibilidade e talento.

Zevi (1996, p. 17-18) define arquitetura como a existência do vazio, do espaço encerrado onde o homem consegue adentrar e viver. As quatro fachadas por mais que possam ser belas, mas possui a caixa, o invólucro mural onde está encerrada a joia arquitetônica, o espaço, é como uma grande escultura escavada, em que o homem penetra e caminha sobre seu interior, ou seja, o espaço como protagonista da arquitetura.

Tuan (1983, p. 83) afirma que quando um espaço nos remete a familiaridade, ele se nomeia lugar. E complementa que quando a experiência cinestésica e perceptiva assim como a aptidão para efetuar conceitos são requisitos para as modificações quando o espaço é considerado grande.

Zevi (1996, p. 24 - 26) diz que uma bela arquitetura é aquele que possui um espaço que nos atrai, nos eleva, ou seja, que tenha uma sensação boa de estar dentro dele e que a arquitetura feia é aquela que nos repele, ou seja, nos entristece nos cansa e nos faz querer sair dela. Uma decoração considerada bela, nunca criará um espaço bonito, também é correto dizer que um espaço quando não apresentar um tratamento adequado sobre suas paredes, não transmitirá um ambiente agradável e admirável. Tuan (1983, p. 114) complementa que o espaço construído pelo homem pode aguçar as sensações e a percepção humana. E ressalta a sobre a inteligência humana de analisar, mesmo sem forma arquitetônica, a diferença de exterior e interior, fechado e aberto, escuridão e luz, privado e público. O meio construído indica as funções sociais e as relações. As pessoas se sentem melhores em ambientes

construídos pelo homem ao invés de ambientes da própria natureza. E finaliza dizendo que a arquitetura “ensina”.

Seguindo o pensamento de Colin (2000, p. 25-28) o edifício é quem constitui a paisagem da cidade e a arquitetura é a arte do contato obrigatório, ou seja, não é uma arte procurada em galerias ou exposições é uma arte presente nas ruas, um contato visual constante.

Mas, para a arquitetura ser considerada uma obra de arte, o edifício deve além do entendimento técnico, apresentar demandas utilitárias, bom uso dos espaços, promover sensações, instigar a contemplação das formas, a textura, jogo de luz e sombra, as cores, a sua leveza ou solidez. Só assim, poderá ser considerada uma obra de arte.

Ainda, o mesmo autor constata a arquitetura se difere das outras artes por possuir um contato obrigatório, uma vez que está presente nas ruas, junto da sociedade e da vida cotidiana de maneira freqüente e impositiva. Para que ela seja vista como arte, faz-se necessário que seja observada.

Já o urbanismo, composto pelo conjunto de arquitetura se inicia quando surgem às cidades, que partir do cultivo da terra em terras antigas a cidade surge, onde ergueram suas moradias, santuários e templos que por fim permaneceram (GLANCEY, 2000, p. 14). Benevolo (1993, p. 23) expressa que a cidade nasce de uma aldeia, a qual a maneira que os meios de cultivo, serviços e indústrias evolui, a sociedade também criando assim classes sociais.

Com as cidades crescendo, a sociedade precisou se organizar juntamente com o Estado, em que a Grécia foi pioneira nessa organização. Benevolo (1993, p. 75) afirma que no novo ambiente se formou uma nova cultura, que segue como base da atual tradição intelectual. A organização da *polis*, a cidade – Estado trouxe grandes resultados para a cultura social, como literatura, ciência e arte.

Nunes e Lacerda (2016, p. 7) explicam que o urbanismo desde a sua origem se acentua a partir de procurar respostas diante dos caos urbanos freqüentes, principalmente nos tempos de globalização, que se afirma como organizador no crescimento das cidades, mas ao mesmo tempo como responsável expressivo na transformação do espaço urbano, já em relação às cidades, como mercadoria. Em relação à infraestrutura e serviços públicos no urbanismo contemporâneo, o mesmo atua como planejador urbano, junto o apoio direto ou indireto do Estado.

O termo urbanismo é:

Quase que empregado exclusivamente nas situações onde irá se desenhar ou projetar uma nova cidade, a partir de um espaço desocupado e vazio. Esse fato não ocorre, especialmente nos países em desenvolvimento, onde se procura uma ação urbana sobre o existente, com recursos limitados e com todas as condicionantes de natureza social e política. Nessa direção, a ação urbana cada vez mais distancia-se do urbanismo clássico para aproximar-se de um entendimento da cidade enquanto um empreendimento (ABIKO, ALMEIDA e BARREIROS, 1995, p. 45).

A cidade não é algo recente e sim o resultado de um contexto histórico. Com o aumento das migrações de caráter êxodo rural, as cidades sofreram modificações consideradas que refletem a sociedade até os dias de hoje (ABIKO, ALMEIDA e BARREIROS, 1995, p. 45).

Portanto, esse rápido crescimento e indisciplinado impede a capacidade de um desenvolvimento sustentável urbano, ou seja, promovendo a exclusão, o inchaço urbano e a inaptidão de conduzir os impactos causados pelas aglomerações da população. Especificamente ações que prejudicam e impossibilitam um planejamento urbano adequado que traga melhorias para a vida urbana (CABRAL e CÂNDIDO, 2019, p. 4).

Com a falta de planejamento que surge nas cidades, aparecem os problemas sociais, a desigualdade faz com que a pobreza se intensifica, as condições de vida se degeneram e a infraestrutura e os serviços públicos por mais que se desenvolvam nunca conseguem trabalhar de forma eficiente capaz de atender a população com qualidade e quantidade às suas demandas, inclusive a habitação (BAENINGER, 2010, p. 66).

A cidade tem como responsabilidade satisfazer às necessidades de sua população como todo, onde há pessoas deve haver infraestrutura, transporte acessível e de qualidade, lazer, educação entre outros serviços indispensáveis para se viver na cidade. Para que isso ocorra, deve haver uma gestão urbana digna e presente na vida de todos. (ABIKO, ALMEIDA e BARREIROS, 1995, p. 45).

1.2.1 Atuação do arquiteto e urbanista e sua função social

Freitas (2014, s.p) afirma que o direito a moradia digna foi penhorado e fixado como pressuposto a dignidade humana, desde 1948, com a Declaração Universal dos Direitos Humanos e foi recebido e propagado na Constituição Federal de 1988, por advento da Emenda Constitucional nº 26/00, em seu artigo 6º, “Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a

proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.” O arquiteto tem papel primordial no cumprimento dessa declaração, pois de acordo com SINDARQPR¹ (s.d., s.p) o arquiteto e urbanista é responsável pelo espaço construído, é seu papel ser um agente estimulador na transformação dos desejos de uma sociedade e motivação de elementos construídos em espaços habitáveis. Espera-se do profissional que o mesmo se curve diante da cidade e pense da melhor maneira a projeção de espaços com responsabilidade social

O arquiteto tem total responsabilidade na constituição da cidade, Paulo Mendes da Rocha (apud FAENG, s.d., s.p) diz que “a cidade deve constituir uma estrutura de amparo à vida, levando em conta suas várias dimensões – habitação, comércio, serviços, transporte, lazer e trabalho”. Complementa que a função se fundamenta na dominância do interesse público em relação à disposição do privado na prática de uma atividade. A arte, a ciência ou a arquitetura estarão cumprindo sua função social quando sua prática produzir resultados que colaborem para a construção do bem comum.

Artigas (apud SANTOS, 2016, p. 16) ressaltam as diversas responsabilidades sociais que exigem a profissão, sendo uma delas a quebra de obstáculo entre a assistência técnica do arquiteto à população de baixa renda, como também a de assegurar os direitos que envolvem leis de acesso à habitação digna e das cidades como forma de benefício e evolução da sociedade.

No cenário mundial há diversos arquitetos que se destacam por irem além ao cumprimento de seu papel social, um exemplo é o arquiteto chileno Arejandro Aravena². Ele ficou conhecido por se dedicar à arquitetura de habitação social, envolvimento em políticas públicas habitacionais e normas para o mercado com foco no giro de oportunizar grandes impactos de alcance. Aravena explica que o impulsionou para tal projeto foram às modificações em empréstimos públicos quanto privados que ocorreram em 2001, então o arquiteto e sua equipe projetaram unidades sobrepostas na altura para acomodar as 100 famílias. O diferencial do projeto foi a preocupação com a identidade de cada família, ou seja,

¹Sindicato dos Arquitetos e Urbanistas no Estado do Paraná – sindARQ- PR, inicialmente Associação Profissional dos Arquitetos no Estado do Paraná – APA/PR, teve início com a necessidade dos profissionais de Arquitetura do Paraná de se sindicalizarem enquanto categoria, como deliberavam os Encontros Nacionais de Arquitetos (SINDARQ, s.d.).

² Nasceu em 1967 em Santiago, foi professor da Harvard. Destacando sua capacidade de ampliar o campo de ação do arquiteto para alcançar soluções que permitam melhorar os contextos urbanos e fazer frente à crise Em

Aravena permitiu que as habitações fossem ampliadas da maneira que cada família achasse melhor, esse foi o diferencial do projeto ganhador do Prêmio (CAU/BR³, 2016, s.p).

Outro nome que se destaca no cenário arquitetônico é o japonês Shigeru Ban⁴. Sua arquitetura é pautada na aplicação e usos de materiais poucos convencionais, mas sem perder a sofisticação estrutural. Atua em diversos projetos para ajudar populações em situação de riscos de desastres ambientais e afins, elaborando residências rápidas econômicas e sustentáveis para pessoas sem teto ou refugiados (DOROTEO, 2016, s.p).

Salado e Sichieri (2006, p. 4) complementam sobre a preocupação de Shigeru Ban na sua atuação atual. Para ele, o arquiteto pensa que enquanto muitos chamam os menos necessitados de minoria, em geral esse grupo menosprezado representa muito mais e se torna um desafio para a comunidade de arquitetos.

Recentemente o arquiteto Ronald Rael, juntamente com sua equipe, ficou conhecido por colocou em prática seu projeto social. O arquiteto instalou gangorras entre o muro que divide a fronteira do México com os Estados Unidos, de maneira que crianças dos dois lados pudessem brincar e interagir, em protesto contra políticas migratórias (FOLHA DE SÃO PAULO, 2019, s.p).

No Brasil, o arquiteto Ruy Ohtake atua com ênfase na arquitetura social, em entrevista ao CAU/BR (2018, s.p) o arquiteto diz que “Quando atua em programas sociais, o arquiteto tem que assumir duas atitudes: como técnico e como cidadão. É fundamental conversar com a comunidade, sentir o que os moradores pensam não se fechar em um escritório para projetar de forma isolada” (CAU/BR, 2018, s.p).

Sobre a atuação do arquiteto e urbanista em diversas áreas no Brasil, uma pesquisa realizada pelo CAU/BR em parceria com o Instituto Datafolha⁵, entrevistou cerca de 2.419 pessoas no Brasil sobre a contratação de algum arquiteto ou urbanista ou especialista para reforma ou construção. O resultado apontou que 54% da população economicamente ativa já construíram ou reformou imóvel residencial ou comercial. Dessa porcentagem, 85,40% realizaram o serviço por conta própria ou com o auxílio de pedreiros ou mestres de obras

³ O Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil – CAU/BR e os Conselhos de Arquitetura e Urbanismo dos Estados e do Distrito Federal – CAU/UF foram criados com a Lei nº 12.378 de 31 de dezembro de 2010, que (CAU/BR, s.d.).

⁴ Shigeru Ban, nascido em 5 de agosto de 1957, é um arquiteto japonês vencedor do Prêmio Pritzker 2014 por sua significativa contribuição às inovações na arquitetura e filantropia. Sua habilidade de em aplicar conhecimentos convencionais em diferentes contextos resultou uma obra caracterizada pela sofisticação estrutural e uso de técnicas e materiais pouco convencionais (ARCHADAILY, 2016).

⁵ O Datafolha foi criado em 1983, ainda como departamento de pesquisas e informática do Grupo Folha da Manhã, com o objetivo de oferecer conteúdo e servir como ferramenta de planejamento para o jornal Folha de S.Paulo e outros veículos e serviços da empresa (DATAFOLHA, s.d.).

conhecidos. Somente 14,60% contrataram algum arquiteto ou engenheiro. Geralmente, a contratação de profissionais especializados está vinculada á renda e á escolaridade. De acordo com esse parâmetro, enquanto 26,2% da população economicamente ativa com nível superior construíram ou reformou com ajuda especializada, esse índice é de 9,50% para a população com nível de escolaridade fundamental. As classes AB, 25,80% utilizaram profissionais habitados. Apenas entre as pessoas da classe A, essa taxa pula para 55,30% (CAU/BR, 2015, s.p).

Outra pesquisa realizada pelo CAU/BR com parceria ao Instituto Datafolha mostrou sobre o perfil profissional do arquiteto e urbanista. 1500 arquitetos e urbanistas e 500 empresas foram entrevistadas. De acordo com as principais atividades exercidas nos últimos dois anos, dos arquitetos e urbanistas, 87% trabalham com projetos de arquitetura, 68% com arquitetura de interiores e execução de obras foram 64%. Os restantes da porcentagem foram em projetos complementares (49%); gestão e consultoria (30%); paisagismo (28%) e serviços públicos (23%).

Em relação às empresas, 89% atuam com projetos de arquitetura, 71% com arquitetura de interiores; execução de obras foram 58%, 57% com gestão e consultoria, com projetos complementares 43% e paisagismo 30%. Apenas 18% dos entrevistados as empresas disseram terem realizados trabalhos com habitações de Interesse Social (CAU/BR, 2019, s/p).

De acordo com Ribeiro (2016, s/p) o curso de Arquitetura e Urbanismo no Brasil é considerado um dos mais elitizados entre as universidades. Dessa maneira o arquiteto passou a servir para os mais ricos, ignorando sua função social e atuação com os espaços urbanos.

Existe um distanciamento social entre arquiteto e a população de baixa renda, justamente pela elitização da profissão por parte da sociedade e dos próprios arquitetos, que se enquadra em uma profissão para as demandas grandiosas (NOGUEIRA, 2010, p. 30).

1.3 SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

A contemporaneidade é uma singular compatibilidade com o próprio tempo, que pratica e ao mesmo momento toma distância, em que adere através de um rompimento e um ultrapassado (HONESKO, 2009, p. 59)

Bauman⁶ (1999, p. 8) diz que a sociedade contemporânea possui inúmeras características heterogêneas, como por exemplo: a globalização, os conflitos de classes, a falta de identidade e o apelo pelo trabalho. A globalização pode ser considerada um fator que une como também divide e divide enquanto une. A globalização das cidades, Pereira (2010, p.308) diz que a cidade contemporânea se encontra em uma discussão entre metrópole individualizável e a aldeia global, entre a convergência e a divergência, ou seja, uma escala regional de problemas urbanos e socioeconômicos, de infraestrutura e desenho urbano.

Segundo Santos (2000, p. 18) a globalização se próprio nomeia como perversa, diante de tantas mudanças no mundo que se torna unificadas, em recorrência das novas técnicas, a base concreta para uma ação humana universal. Assim, impõe grande parte da sociedade á globalização perversa.

Bauman (1999, p. 24-25) ainda diz que a globalização impôs um terceiro espaço, o *cibernético* vindo da rede mundial de informática. Diante de tal fator para alguns, podem se mover para quando lugar, localidade sem se quer sair do lugar que estão. Para outros, que estão fora desse novo espaço, apenas observam e a única localidade que podem habitar é advindo dos próprios pés.

Em relação à sociedade contemporânea e a experiência com o trabalho, Durkheim (1983, apud PRONI, s.d, p. 3) analisando a transição da sociedade tradicional para as modernas, privilegia complexidade da divisão do trabalho social, que expande as diferenças entre as pessoas e conduz para o processo de individualismo. E ainda, para Durkheim é no meio de trabalho que se desenvolver que se instrumentam de maneira básica valores como a interdependência e a solidariedade. Á medida que aumenta a individualidade, cresce a importância de princípios sociais e regulamentações, ou seja, que confirmam o funcionamento regular do organismo social.

Mussi (s.d., p. 3) complementa sobre as relações pessoais de trabalho que com o ganho e ascensão social, o trabalho foi indicado como condutor do aumento da monetarização dos laços sociais e de responsabilidade das relações cooperativas no meio social; na qualidade de experiência produtiva por excelência, comprometido pela reparação pessoal e realização de potencialidades humanas, o trabalho foi interrogado pela sua apropriação pelo capital e pelo ajustamento incomum de tarefas.

⁶ Zygmunt Bauman é professor emérito de sociologia das Universidades de Leeds e de Varsóvia e responsável por uma produção intelectual em pleno andamento (SCIELO, 2014).

De maneira inédita a arquitetura se mostra interessada diretamente destinada aos pobres, ao contrário de antes ser reservado á satisfazer as classes dominantes (MUSSI, s.d, s.p). Portanto o cenário atual aponta diversas diferenças de classes sociais no meio urbano.

De acordo com Debord (1997, p. 113) o urbanismo é a satisfação moderna do emprego constante que salvaguarda o poder da classe, ou seja, a manutenção da fragmentação dos trabalhadores que as circunstâncias urbanas de produção tinham reunidos.

Seguindo Bauman (1999, p. 19) ressalta que tanto no passado como nos dias de hoje, que os ricos e poderosos tendem a possuir uma inclinação cosmopolita que o restante da população, criando uma cultura própria, desprezando as classes menos favorecidas.

Campos e Canavezes (2007, p. 82) apontam que o dual problema de pobreza no mundo, está ligado á desigualdade global e a desigualdade de rendimentos extremamente elevados. E mostram:

Dos 73 países para os quais existe informação disponível, 53 (que representam mais de 80% da população mundial) viram a desigualdade de rendimentos crescer, enquanto apenas 9 países (representando apenas 4% da população) viram a desigualdade de rendimentos diminuir (CAMPOS e CANAVEZES, 2007, p.83).

Complementa Debord⁷ (1997, p. 37) que o espetáculo de uma sociedade moderna, está paralelo ao unido e dividido. E explica que a contradição oficial está vinculada a luta de poderes que concebe o sistema socioeconômico.

O mundo pós-moderno está se organizando para a vida sob uma condição de incerteza que é constante e irredutível. Muitas características da vida contemporânea auxiliam para superar as sensações de incerteza, para uma visão do futuro de um “mundo ao nosso alcance” (BAUMAN, 1998, p. 32). É característica marcante da sociedade contemporânea entre homens e mulheres de viverem de forma permanente com o “problema da identidade” não resolvida (BAUMAN, 1998, p. 38).

1.3.1 Espaços com população em fragilidades sociais e econômicas

No Brasil, a Constituição de 1988 lançou bases para modificações na intervenção social do Estado, aumentando o arco dos direitos sociais e a área de proteção social sob

⁷ Guy Debord foi um escritor francês que comandou a Internacional Situacionista, grupo de intelectuais críticos da sociedade daquela época, que tinha como base teórica sua maior obra: "A Sociedade Do Espetáculo" (SIQUEIRA, s.d, s.p).

obrigação do Estado, com impactos importantes ao desenho das políticas, conceito de beneficiários e benefícios. O acréscimo das situações sociais de reconhecimento de garantias legais da proteção estatal significava a ampliação da responsabilidade pública diante dos problemas em que enfrentava que se dava parcialmente ou integralmente ao espaço privado. Essa intervenção tinha como objetivo referente às leis complementares de normatizar a ampliar o terreno da vida social, de oportunizar a população como de enfrentar condições de destituição de direitos, riscos sociais e pobreza (JACCOUD, 2009, p. 182).

No cenário nacional, entende-se como uma questão de extrema importância uma vez que o déficit habitacional é alarmante e as condições de vida das pessoas nas grandes cidades em periferias e áreas de degradação também. A questão habitacional no Brasil está diretamente ligada ao seu processo de urbanização, diante de aspectos sociais, políticos, econômicos e ideológicos, ou seja, um processo a longo prazo (MONTEIRO e VEGAS, 2017, s.p).

O crescimento populacional foi decorrente a expansão das cidades e os fluxos migratórios rural-urbano, onde as pessoas se deslocavam para a cidade a procura de novas oportunidades, resultando no inchaço das cidades. Por consequência a precariedade das habitações e exclusão social (MONTEIRO e VEGAS, 2017, s.p).

A origem dos problemas habitacionais começou com a industrialização das cidades e com isso nos grandes centros urbanos o surgimento das favelas.

De acordo com Aurélio (2010, p. 112) uma definição básica do dicionário da língua portuguesa favela significa “conjunto de habitações toscas e miseráveis, geralmente em morros e onde habita gente pobre.” Essa definição possui um olhar precário urbano que transmite uma culpa de indivíduo e um descaso do Estado no que se refere á políticas públicas, por falta de saneamento básico e serviços necessários principalmente á essa população (TOLEDO, 2018, p. 3).

No final do século XIX e início do século XX em especial na cidade do Rio de Janeiro devido à multiplicação de indústrias as pessoas foram atraídas em busca de novas oportunidades de trabalho e melhores condições de vida, dando início as vilas operárias. Com o grande número de migrações houve uma explosão demográfica, transformando essas vilas em grandes cortiços, nos quais atraíram muitas doenças por conta da insalubridade, sendo vistos agora como um problema para as cidades. A partir disso, essa população foi obrigada a se retirar para parques proletariados. (TOLEDO, 2018, p. 5).

Através desse programa de remoção, a especulação imobiliária se fez presente e com o aumento dos aluguéis e custo de vida no centro, essa população teve que se afastarem para a periferia, mesmo com condições precárias, os moradores ainda realizavam a autoconstrução fora do expediente de trabalho, única opção de habitação, na época (Figura 1). Sem fiscalização do governo que ao contrário incentivava esse tipo de construções, objetivando não ter compromisso com esse tipo de população, fornecendo somente infraestrutura para o centro, onde habitava a elite (TOLEDO, 2018, p. 6).

Figura 1: Morro do Pinto – Rio de Janeiro, 1912.



Fonte: COSTA 2017 fotografia de Augusto Malta.

Na década de 1930, as favelas faziam parte do desenho urbano, mas estavam invisíveis das estatísticas. A partir dos anos de 1940 que as favelas começaram a serem vistas com preocupação diante dos poderes públicos, que passaram a incluir ao espaço urbano e pensar em planos. Durante o período militar, foram adicionados planos que aceleravam a indústria e a economia e como consequência as desigualdades e segregação das favelas (TOLEDO, 2018, p. 8).

Nos anos de 1970 que as moradias se verticalizaram nos morros, devido à crise mundial economia ter afetado o país com a ajuda das mídias e da própria população favelas planas no centro do Rio de Janeiro foram destruídas. Nos anos de 1980, um novo termo surgiu a “nova favela” por conta da estagnação dos setores produtivos e o aumento da inflação, fez com que classes médias falidas fossem para as novas favelas. Diante disso, a estrutura de favela mudou e o comércio se fez presente, de acordo com a necessidade de seus moradores e o governo subiu para o morro saneamento básico e energia elétrica. Na década de 90, o aclave das desigualdades e da pobreza fez com que manifestações sociais desmoronassem, tendo assim nas favelas a presença da violência que se espalhou para o restante da cidade (TOLEDO, 2018, p. 9).

No decorrer a história esses problemas aumentaram, refletindo até os dias atuais, a habitação de maneira irregular e a falta dela ainda é um grande problema a ser resolvido.

A página da internet Estadão (2019, s.p) mostrou que o Déficit Habitacional no Brasil se torna record, por motivos de queda de crédito nos financiamentos imobiliários e o aumento do desemprego no país. Uma pesquisa feita pela Associação Brasileira de Incorporadoras Imobiliárias (Abrainc) com o apoio da Fundação Getulio Vargas (FGV) apontou um crescimento no déficit habitacional de 7% em dez anos, atingindo cerca de 7,78 milhões de unidades habitacionais em 2017.

Segundo a Fundação João Pinheiro (2018, p. 31) no ano de 2015 o Déficit Habitacional estimado no Brasil correspondia á 6,355 milhões de domicílios, sendo 5,572 milhões ou 87,7% localizados na área urbana e 783 mil unidades na zona rural. Diante dos estados, São Paulo é o único que ultrapassa um milhão de moradias, tendo a carência de novas unidades habitacionais. Esse valor totaliza 1,337 milhão de moradias em 2015.

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios (Pnad) (2016, s.p) o Brasil possui 7,906 milhões imóveis vazios, desse número 80,3% nas áreas urbanas e 19,7% em áreas rurais. Desse total, 6,893 milhões apresentam em situação de uso e 1,012 milhão encontram-se em reformas ou construção.

Além de números, o Brasil apresenta o Déficit Habitacional Qualitativo. Segundo Mário Augusto Garcia Vieira, diretor executivo da ONG Habitat para a Humanidade Brasil em entrevista ao canal do *Youtube* da Habitat Brasil para o Instituto NET explica que esse tipo de déficit é de pessoas que já possuem um local para morar, mas sem as condições básicas salubres. No Brasil, um número estimado de 10 á 15 milhões de moradias.

Para combater esse Déficit Habitacional no país em 2009 foi criado o programa social “Minha Casa Minha Vida” do governo Federal, com o desígnio de promover 1 milhão de moradias para a população com renda mensal de até 10 salários mínimos (SAPORITO, 2015, p.28). Porém as qualidades nos projetos deixam muito a desejar para quem interessa de fato, favorecendo os interesses do setor privado. Assim, acabam criando uma cidade segregada e sem a devida atenção, apenas fazendo para atender uma demanda, sem infraestrutura de qualidade, transporte acessível e oferta de serviços urbanos (BARATTO, 2014, s.p).

O arquiteto brasileiro Ruy Ohtake crítica o PMCMV (Programa minha casa minha vida), pois para ele ao atuar com a arquitetura social o arquiteto deve ser além de técnico, cidadão. Ao contrário do que ocorre no programa do governo Federal que segundo Ohtake: “Foi um desastre. Parece uma plantação de alface, tudo igual. Apenas as empreiteiras ficaram

satisfeitas, pois foram contratadas para fazer os projetos e as obras numa empreitada só” (CAU/BR, 2018, s.p).

Com relação á recuperação dos espaços públicos, Chakur (2018, s.p) ressalta da importância de dar vida a esses espaços como forma de ressuscitar a identidade da cidade, pois são neles que a vida cotidiana, troca de experiências acontecem.

Conceituar essa retomada da cidade de urbanidade é ao mesmo tempo dizer que “é urbano”, “ser civilizado” e qualifica a cidade.

Koury (2015, s.p) salienta a ideia de vitalidade urbana defendida por Jane Jacobs⁸, que se direciona para as questões de interação social, trazer vida aos espaços públicos, ou seja, a qualidade vibrante dos lugares. Jacobs ressaltava a diversidade de usos dos espaços e o quão de retorno benéfico trás a sociedade.

1.4 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Neste capítulo foram apresentados os fundamentos da arquitetura e urbanismo juntamente com seus pilares que formam a estrutura da área de atuação. Foi definido também o conceito de arquitetura e urbanismo na visão de autores renomados. Logo em seguida, a atuação do arquiteto e urbanista atualmente e sua função no exercício social. Diante do olhar crítico de alguns autores, foi denotada a sociedade contemporânea, a partir elencados espaços de fragilidades sociais e econômicas.

⁸ Jane Jacobs, como é conhecida foi uma escritora e ativista política. Mudou definitivamente a forma de observar e analisar os fenômenos urbanos (PORTAL APRENDIZ, 2018).

2. CORRELATOS

Este capítulo apresenta três projetos arquitetônicos residências, realizados em locais com fragilidades sociais e econômicas das populações. Dois deles são casos comunitários e um caso individual. O primeiro de grande relevância mundial, vencedor do Prêmio Pritzker do arquiteto chileno Alejandro Aravena. O segundo projeto de relevância nacional, Conjunto Habitacional de Heliópolis – Gleba G de autoria dos arquitetos Mario Biselli e Artur Katchborian. E por fim, o projeto residencial a “Casa da Vila Matilde” considerada a melhor casa do mundo pelo ArchDaily no ano de 2016 o projeto é do escritório Terra e Tuma Arquitetos Associados. Dois dos projetos escolhidos, a Quinta Monroy e a Casa Vila Matilde, receberam prêmios importantes na área da arquitetura. Além disso, todos os projetos tiveram consequências positivas para o entorno.

A escolha das obras foi justificada pelas condições precárias de moradias e com as presentes fragilidades em questão e justamente como a intervenção no local de um arquiteto e urbanista pode trazer relevância ao novo cenário.

Portanto, apresenta-se as fragilidades de cada local, o projeto e as intervenções realizadas pelos arquitetos assim como o depoimento dos moradores.

2.1 QUINTA MONROY – IQUIQUE, CHILE

Quinta Monroy, projeto do arquiteto Alejandro Aravena localizado na cidade de Iquique no Chile é um dos exemplos de resistência de moradores que ocupam áreas de maneira irregular (Figura 2). O terreno instalado na região central da cidade, entre o porto e a zona hoteleira, durante trinta anos até final do século XX foi ocupado por cerca de cem famílias de baixa renda com habitações irregulares – Figura 2 (JARDIM, 2017, p.6).

Figura 2: Localização da Quinta Monroy em Iquique, Chile.



Fonte: Google mapas (2019).

Com a morte do proprietário do terreno, Ernesto Monroy, em 1995, ocorreu uma briga judicial pelo bem da área, onde os moradores lutaram pelo reconhecimento da comunidade e permanência da população no local. Em 2000, o terreno foi comprado pelo Programa Chile *Barrio* com o intuito de construir habitações regulares para os habitantes que ali viviam a tanto tempo em péssimas condições (JARDIM, 2017, p.7).

O desenvolvimento do projeto teve como objetivo a mudança no cenário atual ali existente, ou seja, 60% das habitações não recebiam luz e ventilação direta, além de não terem acesso á rede de água e esgoto (Figura 3). Em suma, o projeto teve como missão a transformação da qualidade do bairro em que estava inserido, com infraestrutura necessária e manter a população em seu local depois de trinta anos alcançando uma valorização para a cidade (JARDIM, 2017, p. 7).

Figura 3: Quinta Monroy antes da intervenção.



Fonte: Arquitechne (2018).

O projeto do Conjunto Habitacional Quinta Monroy foi o primeiro projeto do escritório Elemental⁹, liderado pelo arquiteto Alejandro Aravena, realizado com parceria ao Programa do governo “*Programa de Vivienda Social Dinámica sin Deuda*” (PVSDsD) em Iquique, cidade entre o Oceano Pacífico e montanhas desérticas do Chile.

A intenção do escritório foi o de manter a mesma quantidade de famílias que já habitavam o local com área total de 5.722 m², ou seja, 93 famílias alojadas, com uma média de 3,5 pessoas por habitação, com um total de 325 pessoas (JARDIM, 2017, p.7). Além disso, foi considerado então, atender o maior número de habitações, acima de 30m² que fossem aptas ao crescimento por desejo do morador, que ficassem dentro do orçamento (JARDIM, 2017, p. 8).

⁹ Escritório de arquitetura criado em 1994, parceiro do governo chileno com o projeto de habitação social “*Programa de Vivienda Social Dinámica sin Deuda*” (PVSDsD) (JARDIM, 2017, p. 6).

Diante dos estudos, nenhuma das alternativas habitaria o total da demanda. Por isso, se pensou em algo inédito, com o “Edifício Paralelo”, uma barra composta de térreos e últimos andares, em que os pavimentos pudessem se expandir para os lados, para cima e no mesmo nível, já com estrutura prevista para a ampliação – Figura 4 (JARDIM, 2017, p. 8). Dessa forma, com casas de dois pavimentos, o escritório conseguiu inserir de maneira satisfatória 66 casas no terreno com entrada de luz e ventilação (JARDIM, 2017, p. 7).

Figura 4: Quinta Monroy – projeto finalizado e autoconstrução.



Fonte: Arquitechne (2018).

Essa proposta remete ao início das habitações na Quinta Monroy em que os moradores construíram com a possibilidade de ampliação para oferecer á parentes ou amigos, um verdadeiro resgate histórico, cultural e de identidade. Sendo assim, com os 50% da edificação garantida por meio do governo, depois da autoconstrução cada habitação chegaria a 78m². Dessa maneira, a questão da identidade¹⁰ nas residências se faz presente (JARDIM, 2017, p.9).

Com relação à escala urbana, explorou trazer nos pátios entre os edifícios (espaço público e privado), o espaço coletivo. Com a distribuição das edificações no terreno, criaram-se vazios que disponibilizaram quarenta e sete vagas de estacionamento em frente às casas, além de áreas de convívio e circulação (Figura 5). Formaram quatro vazios com quatro acessos diferentes de veículos e pedestres. No total somam-se 93 habitações, sendo 38 habitações com sua própria identidade no térreo e 55 no segundo pavimento (JARDIM, 2017, p.9).

¹⁰ . De acordo com o dicionário da língua portuguesa identidade quer dizer: “Conjunto das qualidades e das características particulares de uma pessoa que torna possível sua identificação ou reconhecimento” (DICIO, s.d., s.p).

Figura 5: Implantação – Quinta Monroy



Fonte: Arquitechne (2018).

Veredice Gallardo de 80 anos vive em Iquique desde a década de 1980. Moradora da Quinta Monroy divide sua casa com mais dois netos e se sente grata pela comunidade ter conseguido essa nova etapa. Para ela, o projeto das residências gerou maior vínculo entre os vizinhos, além do reconhecimento ao trabalho dos arquitetos em conjunto com a comunidade: “Somos todos trabalhadores. Nos organizamos, fomos construindo pouco a pouco. Comparado á forma com que vivíamos antes, estávamos recebendo um palácio” lembra Veredice quando receberam as casas (ARQUITECHNE, 2018, s.p).

Praxedes Campos também é moradora da Quinta Monroy e conta sobre a rotina de seus vizinhos, a maioria trabalhadores que usam suas casas como dormitórios:

Desde as cinco da manhã já estão trabalhando na feira, ou vão á mineração às quatro da manhã. Também há carregadores da zona franca, pedreiros, e todos têm sua boa casa, comida, contas pagas são comuns que tenham automóveis. São pessoas que levantam muito cedo para trabalhar e que chegam muito tarde. Sábado e domingo vão á praia, levam suas caminhonetes carregadas com coisas e passam o fim de semana passeando (ARQUITECHNE, 2018, s.p).

Praxedes defende o projeto por ser uma luta vencida contra a adversidade e em questão a qualidade da estrutura que resistiu aos terremotos do ano de 2005 e 2014 que ocorreram no Chile. É ela quem recebe os arquitetos do mundo inteiro para visitar a Quinta Monroy e ver mais de perto a evolução do projeto (ARQUITECHNE, 2018, s.p).

Portanto, o projeto atendeu as demandas exigentes para a população, de maneira que a intervenção modificou o lugar e o modo como a comunidade vive, oferecendo melhores condições de vida e desenvolvimento econômico. Além de cessar com os problemas judiciais envolvendo o município, como também trouxe desenvolvimento para o entorno e uma visualização mundial que atraí pessoas para irem conhecer, movimentando a economia local.

2.2 CONJUNTO HABITACIONAL DE HELIÓPOLIS GLEBA G – SÃO PAULO, BRASIL

Heliópolis, considerada a maior favela de São Paulo, localizada no bairro do Ipiranga, região Sudeste da cidade possui cerca de 100 mil habitantes. O início de sua ocupação aconteceu na década de 1970, como solução da mudança de família que moravam no bairro da Vila Prudente para um alojamento no local. O Conjunto Habitacional de Heliópolis Gleba G, terreno antes ocupado por um alojamento provisório. Heliópolis vem estando presente em planos de intervenções urbanas com a finalidade de levar melhorias de infraestrutura (OLIVEIRA e PISANI, 2017, s.p).

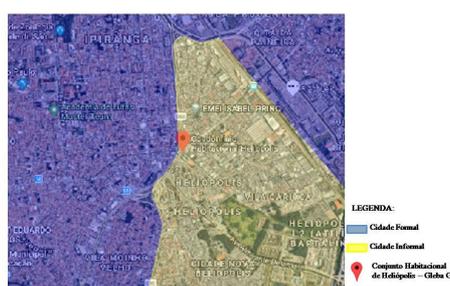
O Conjunto Habitacional de Heliópolis faz parte do Programa de Reurbanização de Favelas da Prefeitura de São Paulo junto á Secretaria de Habitação. Com o objetivo da realocação de grande parte das famílias identificadas por meio de um censo que apontou o perfil dos moradores da maior comunidade de São Paulo (VICTORIANO, s.d, s.p).

O programa 2009 – 2024 que busca como princípios indispensáveis a moradia digna, justiça social, sustentabilidade ambiental, gestão democrática e gestão eficiente. Uma das glebas beneficiadas é a Gleba G, que faz conexão com a cidade formal e a cidade informal de São Paulo (Figuras 6 e 7) (OLIVEIRA e PISANI, 2017, s.p).

Figura 6 e 7: Localização e conexão da cidade formal com a informal do Conjunto Habitacional de Heliópolis Gleba G em São Paulo – SP.



Fonte: Google maps (2019).



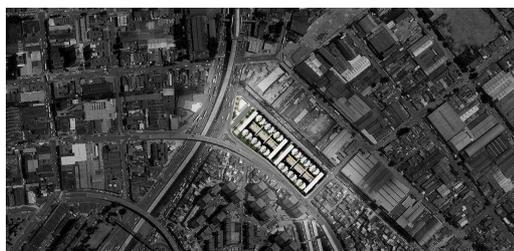
Fonte: Google maps (2019). Organizada pela autora.

Remetendo á um contexto histórico sobre conjuntos habitacionais, como a moradia faz parte da arquitetura a qual compõe a cidade, o projeto reflete uma grande importância. Em relação ao histórico brasileiro, no que se diz respeito ao aspecto habitação, remete a proposta higienista da década de 1970, em que se relacionava com as propostas modernistas da Carta de Atenas de 1943. O arquiteto modernista Le Corbusier pregava uma interpretação do solo como uso coletivo, elevando os edifícios sobre pilotis. Mas na cidade de São Paulo, sempre se

considerou o uso do solo como território privado. Sendo assim, o enfretamento com a segregação espacial no cenário contemporâneo. O projeto da Gleba G objetivou romper com a ideia de segregação (OLIVEIRA e PISANI, s.d, s.p).

Os arquitetos, Mario Biselli e Arthur Katchborian, tinham como desafio abrigar uma demanda de 400 famílias já habitadas nos alojamentos, atendendo as exigências básicas de projetos habitacionais, além da moradia, equipamentos públicos e áreas comerciais, distribuídas no térreo dos edifícios como restrição de gastos e fácil execução. O projeto conseguiu oferecer 420 unidades habitacionais, com 50m² cada, totalizando uma área construída de 31.000m² aproximadamente (Figura 8) (HELM, 2011, s.p).

Figura 8: Implantação do Conjunto Habitacional de Heliópolis Gleba G.



Fonte: Archdaily (2011). Autor: Fábio Knoll.

O conjunto foi pensado como uma quadra urbana, com o espaço público protegido e prestação de serviços comerciais no térreo de cada edifício. A combinação cidade/espço fundamentou-se no conceito de “quadra europeia” com a implantação sem recuos, porém com pátio interno para o uso coletivo, com playground, bancos e jardins, acessados por meio de pórticos (HELM, 2011, s.p).

Com o aproveitamento máximo do terreno, se conseguiu a construção de sete a oito pavimentos, com circulação vertical em escadas. Devido à limitação do orçamento o desafio foi o de não contar com os serviços de elevadores e para isso usufruíram o máximo do desnível do terreno, criando acessos no terceiro e quarto pavimento com cotas de acessos principais, ligando os blocos com passarelas em estruturas metálicas (Figura 9). Uma estratégia muito usada em projetos de habitações sociais por conta do orçamento reduzido e a não utilização de elevadores. Com preocupação nos custos, a Secretaria de Habitação estabeleceu que se usassem blocos de alvenaria estrutural para a construção. Apenas a construção dos pórticos de acesso teve que ser feita em estrutura mista com concreto armado (BENEDETTI, 2017, p.8).

Figura 9: Passarelas em estrutura metálica.



Fonte: Archdaily (2011).

O uso de cores vibrantes na obra foi utilizado para identificar os acessos verticais, varandas e a circulação das travessias metálicas com o objetivo de trazer elementos arquitetônicos para as fachadas, além das portas balcão que trouxeram o dinamismo. Os pórticos em amarelo e o uso de cores leves, proposta de Biselli fez com que o conjunto habitacional transmitisse suavidade, alegria e um caráter contemporâneo (BENDETTI, 2017, p.9).

Portanto, o alinhamento dos blocos em forma de quadras com os pátios internos trouxe uma dupla função, um espaço de convivência entre os moradores do conjunto e os vizinhos do entorno e uma maneira de passagem e ligação para as duas partes do bairro, a nova e a preexistente. Os pórticos são convidativos para entrar e conhecer o conjunto assim como, as passarelas surpreendem ao mesmo tempo em que transmite leveza por conta do seu material (HELM, 2011, s.p).

Em entrevista para a Galeria da Arquitetura (s.d, s.p), os arquitetos Mario Biselli e Arthur Katchborian comentam sobre as dificuldades que enfrentaram no projeto e os resultados obtidos. Para eles, foi um grande desafio produzir um conjunto de interesse social com a demanda tão grande de 420 habitações. Arthur até ressalta da dívida que deixamos na faculdade de projetar arquitetura de interesse social. O desnível do terreno foi à luz no fim do túnel para resolver o problema de verticalização sem o uso de elevadores, por isso a utilização de passarelas metálicas conseguindo chegar a um número superior do que o desejado.

. Biselli ressalta a importância da estrutura em concreto moldado em loco nos pórticos e em relação aos elementos metálicos nas pontes foram necessárias para vencer o vão de 27 metros (ARQUITETURA, 2015, s.p).

Em relação à distribuição das plantas, Arthur Katchborian comenta de devido a quantidade de pessoas por família variarem de 5 a 11 pessoas, de acordo com a pesquisa pela equipe social do SEHAB (Secretaria Municipal de Habitação) se deu em dois tipos. O primeiro modelo de planta com dois dormitórios, espaço integrado de cozinha, estar e sacada.

A segunda, para portadores de necessidades especiais, fica localizada no térreo com acesso para a rua. E ainda ressalta que a área era lembrada por seu abandono, mas que hoje mostra um cenário totalmente contrário: "Existe um histórico de que esta é uma área que ninguém cuida, mas a realidade mostra-se outra. Hoje, o mais bacana é ver aquele pátio sempre ocupado. É o aposentado jogando seu joguinho, são as crianças brincando". (ARQUITETURA, 2015, s.p).

2.3 CASA VILA MATILDE – SÃO PAULO, BRASIL.

A Casa Vila Matilde da Dona Dalva antes da reforma apresentava muitos problemas que preocupavam a moradora. Os profissionais responsáveis pelo projeto foram acionados por um rapaz para a possibilidade de construir uma casa para sua mãe, empregada doméstica, de poucas posses que vivia em uma casa com condições ruim, pouca iluminação e ventilação e problemas de estrutura e salubridade (Figuras 10 e 11). Dona Dalva, vivia há décadas na Vila Matilde e não queria se mudar para outro lugar por conta da proximidade com familiares e amigos (CLUBMAN, 2015, s.p).

Figura 10 e 11: Condições da casa antes da reforma.



Fonte: Archdaily (2015).



Fonte: Archdaily (2015).

Conseguiu guardar dinheiro depois de muitos anos trabalhando como empregada doméstica para comprar sua casa própria. Uma simples casa, com problemas de distribuição de ambientes, pouca entrada de iluminação natural e ventilação, como também problemas estruturais e com infiltração que fizeram o teto cair (CAU/BR, 2016, s.p).

A residência se localiza no bairro Vila Matilde, zona Leste de São Paulo em aproximadamente 105 mil habitantes. Construído ao redor de uma estação de trem em 1921

que ligava Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais na escoação da produção de café (ESTADÃO, 2015, s.p). (Figura 12).

Figura 12: Localização Vila Matilde, São Paulo.



Fonte: Google mapas (2019).

Os arquitetos do escritório Terra e Tuma¹¹ foram os responsáveis pelo projeto. No início de 2014 a casa apresentava fissuras e a obra deveria começar o quanto antes. A maior missão foi no começo da obra, a fase de demolição e ao mesmo tempo a fundação e arrimos que escoravam as casas vizinhas (CLUBMAN, 2015, s.p).

O material utilizado para a construção da casa foi estrategicamente pensado por conta do baixo orçamento, por isso utilizaram blocos aparentes o que viabilizou o custo da obra e a rápida execução, em seis meses a casa estava pronta (CLUBMAN, 2015, s.p).

A casa está implantada em um terreno de 4,8 metros de largura por 25 de profundidade (Figura 13).

Figura 13: Implantação do terreno.

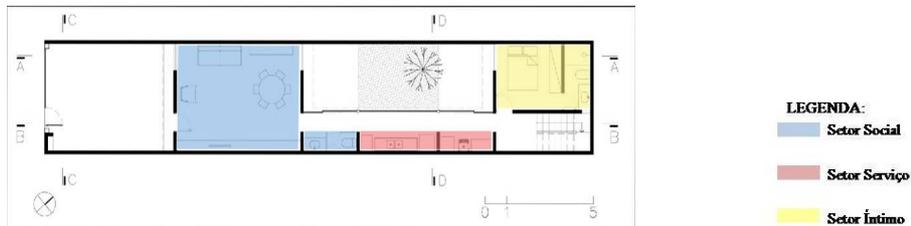


Fonte: Archdaily (2015). Adaptada pela autora.

¹¹ Escritório de arquitetura localizado na cidade de São Paulo com atuação dos arquitetos Danilo Terra, Fernanda Sakano, Pedro Tuma e Juliana Terra.

A distribuição do projeto se deu por uma casa térrea com lavabo, sala, cozinha, área de serviço e uma suíte para atender a demanda da moradora (Figura 14).

Figura 14: Planta baixa pavimento térreo setorizada.



Fonte: Archdaily (2015). Organizada pela autora.

Um jardim interno na parte central da casa se divide sala para frente e dormitórios para os fundos (Figura 15). O jardim além de proporcionar iluminação e ventilação natural, também é uma extensão da cozinha e área de serviço (CLUBMAN, 2015, s.p).

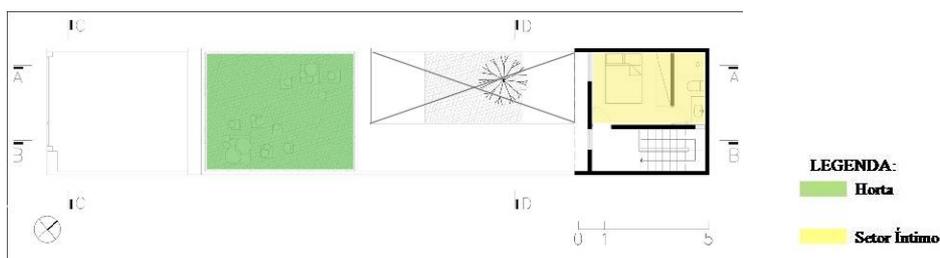
Figura 15: Jardim interno.



Fonte: Oldoni (2016).

O pavimento superior foi projetado com o objetivo de atender às visitas com uma suíte, totalizando a área da residência em 95m² (Figura 16).

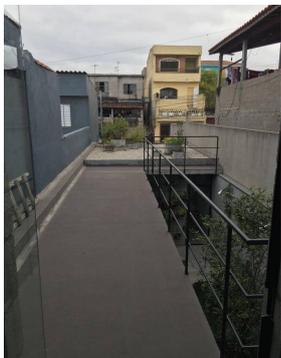
Figura 16: Planta baixa pavimento superior setorizada.



Fonte: Archdaily (2015). Organizada pela autora.

Na laje da sala, os arquitetos planejaram uma horta, já que a moradora gosta de ter um contato direto com plantas e hortaliças (Figura 17).

Figura 17: Horta no pavimento superior.



Fonte: Oldoni (2016).

O valor total da reforma, incluindo todos os materiais e mão de obra finalizou em R\$ 150mil reais, com o resultado de uma casa simples e confortável (CAU/BR, 2016, s.p).

O prêmio conquistado como melhor casa do mundo pelo Archdaily em 2016 teve como concorrência projetos do Reino Unido, Japão, Eslovênia e Vietnã. Foi o único projeto do Brasil, vencedor (CAU/BR, 2016, s.p).

Diante da repercussão, o CAU/BR em comemoração ao dia do Arquiteto e Urbanista de 2016 utilizou o exemplo da Dona Dalva para ressaltar à população brasileira que o auxílio de um arquiteto e urbanista em obras podem baratear o custo do que apenas serem feitas com pedreiros, obtendo uma moradia com segurança, qualidade e conforto (CAU/BR, 2016, s.p).

Em entrevista, Dalva Borges, mais conhecida como Dona Dalva moradora e proprietária da Casa Vila Matilde, conta que se sente aliviada e segura em sua nova residência, porque o que fez com que ela tomasse a atitude de reformar sua casa foi o fato que ocorreu um dia em que chegou tarde do trabalho, quando estava no banheiro, escutou um barulho muito alto, era o teto caindo sobre sua cama (CAU/MG, 2015, s.p).

E acrescenta que se sente em um palácio e dorme tranquila sabendo que seu teto não irá desabar novamente. Quando chove e venta, também sabe que sua casa não irá molhar e nem que as telhas irão voar. Uma verdadeira sensação de alívio e superação que conseguiu ter sua casa dos sonhos por meio de seu esforço (CAU/MG, 2015, s.p).

Com relação á conquista do prêmio, em entrevista ao CAU/ BR os arquitetos envolvidos comentam da felicidade do resultado e do reconhecimento de seus trabalhos e reflexões que o projeto gerou. E complementam: “Enfatizada pela excelente campanha do

CAU, ela chamou atenção dos arquitetos e da sociedade. Este prêmio mostra que esta reflexão não está restrita ao contexto nacional, ela está ocorrendo em diversas partes do mundo e é gratificante saber que estamos de alguma forma contribuindo com ela” (CAU/BR, 2016, s.p).

2.4 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Este capítulo apresentou três grandes projetos de relevância mundial e nacional, com interesse comum na arquitetura e as fragilidades sociais e econômicas dos moradores. A primeira obra do arquiteto chileno Alejandro Aravena, vencedor do prêmio Prietzker, o qual teve um positivo impacto para a sociedade e o entorno, desenvolvendo a economia local, promovendo um reconhecimento mundial e assegurando aos moradores maiores possibilidades de desenvolvimento social e financeiro. O segundo projeto de relevância nacional, uma grande intervenção em uma das glebas na comunidade de Heliópolis em São Paulo, a gleba G. O conjunto habitacional também trouxe conseqüências positivas, como uma delas de promover interação entre os moradores e vizinhos do entorno em seus pátios centrais, ampla visão de crescimento e desenvolvimento econômico familiar e solucionou um problema conjunto entre poder público e a população do local. E o terceiro projeto, com o título de melhor casa do mundo em 2016 pelo site de arquitetura Archdaily, é uma simples residência que estava em péssimo estado e hoje traz grande alívio e segurança para a moradora, garantido credibilidade para não enfrentar possíveis novos problemas, sabendo que ao chegar em casa, está em um ambiente confortável e seguro. Dona Dalva, além de carregar consigo a reflexão para a população da importância de contratar um arquiteto, com um custo acessível e um projeto de qualidade.

3. APLICAÇÕES NO TEMA DELIMITADO: COMUNIDADE DE HELIÓPOLIS E A ATUAÇÃO DA ONG HABITAT PARA A HUMANIDADE BRASIL

Este capítulo apresenta como estudo de caso a comunidade de Heliópolis na cidade de São Paulo e o trabalho atuante da ONG (Organização não Governamental) Habitat para a Humanidade Brasil. Portanto, o capítulo discorre sobre as fragilidades sociais e econômicas da comunidade e o trabalho realizado pela ONG com profissionais da área da arquitetura como forma de promover melhorias residenciais e estimular a economia local.

As informações apresentadas foram retiradas de referências bibliográficas, site da organização e de reportagens e entrevistas com moradores da comunidade além de observação pela autora através de visita *in loco* em janeiro de 2020.

Esse estudo de caso foi escolhido por conta da sua relevância em relação aos números atingidos pelo trabalho da ONG e à proporção que abrange a comunidade, sendo fundamental para alcançar o objetivo final da pesquisa.

3.1 COMUNIDADE DE HELIÓPOLIS

A comunidade de Heliópolis surgiu na década de 1970, e desde então possui relações conflituosas com o poder público. No ano de 1971 a prefeitura de São Paulo retirou as famílias da favela de Vila Prudente e transferiu cerca de 150 famílias para alojamentos improvisados em uma gleba até então pertencente ao Instituto de Administração da Providência e Assistência Social (IAPAS), atualmente conhecida como Heliópolis (MOREIRA, 2017, p.2).

A comunidade possui aproximadamente três milhões de m², mais de 18 mil imóveis e com mais de 100 mil habitantes é considerada uma das maiores comunidade de São Paulo com uma densidade demográfica de aproximadamente 33.333 (hab/km²). O mapa de zoneamento da cidade de São Paulo determina grande parte da área do distrito do Sacomã, onde se encontra Heliópolis como ZMISa (Zona Mista de Interesse Social ambiental). Localizada no distrito do Sacomã, no bairro do Ipiranga zona sul da cidade de São Paulo, fica aproximadamente 8 km do centro da cidade (Figura 18) (MOREIRA, 2017, p.2).

distrito do Ipiranga, onde Heliópolis se insere, com outros dois distritos: Lapa e Vila Mariana. O critério escolhido na escolha dos distritos foi a localização, uma vez que Vila Mariana e Ipiranga se encontram próximas e Lapa em uma região oposta as duas. Segundo uma pesquisa da Prefeitura de São Paulo (2010, s.p) o número populacional de Ipiranga é de 463.804 habitantes, Lapa 305.526 habitantes e Vila Mariana 344.632 habitantes.

Tabela 1: Tabela da Desigualdade 2019.

Fatores comparativos	Ipiranga	Lapa	Vila Mariana
Arborização viária - Proporção de árvores no sistema viário, em relação à área total do distrito em km ²	954,6	776,6	1.207,0
Arrecadação do IPTU (Imposto Predial e Território Urbano) - Arrecadação nominal de IPTU (Imposto Predial e Território Urbano)	R\$125.350.350,22	R\$183.662.050,66	R\$343.428.838,77
Favelas - Proporção de domicílios em favelas, em relação ao total de domicílios (%).	3,66	0,54	0,92
Horas de atendimento básico – Proporção de horas ambulatoriais semanais cadastradas de profissionais com vínculos no SUS (Sistema Único de Saúde) de médico pediatra, clínico geral, ginecologista e médicos do PSF (Programa Saúde da Família), para cada mil habitantes.	13,58	16,96	13,17
Unidades Básicas de Saúde (UBS) – Número de unidades básicas públicas de atendimento em saúde, para cada dez mil habitantes	0,54	0,45	0
Tempo de atendimento para vaga em creche – Tempo de atendimento para vaga em creche (em dias)	67,75	107,73	113,06
Atendimento nas creches municipais – Proporção de matrículas efetuadas nas creches (diretas, indiretas e conveniadas) para cada habitante na faixa etária de 0 a 3 anos (%)	52,3	18,8	13,9
Equipamentos públicos de cultura – Proporção de equipamentos públicos municipais de cultura, para cada cem mil habitantes	5,42	11,94	6,82
Acervo de livros infanto-juvenis – Proporção de livros infanto-juvenis disponíveis em acervos de bibliotecas municipais, para cada habitante na faixa etária de 7 a 14 anos	0	0,003	0
Equipamentos públicos de esporte – Proporção de equipamentos públicos municipais de esporte, para cada dez mil habitantes	0,45	0,45	0,23
Emprego formal – Taxa de emprego formal, por dez habitantes participantes da PIA (população em idade ativa) com idade igual ou superior a quinze anos	7,53	17,38	9,20

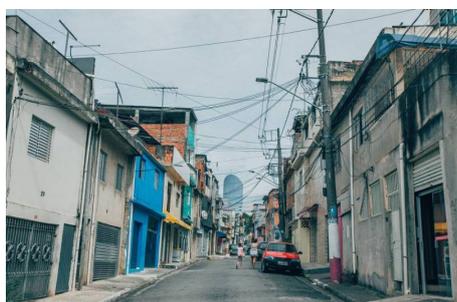
Fonte: Rede Nossa São Paulo (2019) reorganizado pela autora.

Na tabela apresentada, a maioria dos fatores comparativos o distrito de Ipiranga que abrange Heliópolis se mostra desfavorável em relação aos outros distritos analisados. Dessa

forma, de acordo com os fatores abordados, considerados serviços essenciais para uma comunidade, a região apresenta carência, necessitando de um olhar direcionado para que se desenvolva a sua população.

Diante da visita *in loco* é possível notar as fragilidades sociais em questão da organização física da comunidade, não observando nenhum espaço público de lazer, falta de acessibilidade, visto aglomeração de moradias, ruas estreitas e excesso de fiação elétrica, residências pequenas e com famílias numerosas (Figura 19).

Figura 19: Comunidade de Heliópolis.



Fonte: Folha de São Paulo (2018).

A aglomeração de moradias acontece devida á verticalização, quando uma família compra um lote na comunidade e constrói, acaba “vendendo a laje” para outra família e assim por diante. Em cada lote geralmente moram no mínimo duas famílias, ou seja, tornando a comunidade cada vez mais densa e moradias sem qualidades. O que pôde se observar também foi à grande quantidade de pessoas presentes nas ruas, incluindo crianças. Adultos e idosos nos pequenos comércios (Figura 20).

Figura 20: Realidade em Heliópolis.



Fonte: Folha de São Paulo (2018).

Portanto, visto uma comunidade carente de infraestrutura básica, condições físicas, moradias inadequadas com pouco ventilação e iluminação e grande número de pessoas, deu-

se a entender que se apresenta ser mais confortável estar fora de casa do que dentro. Isso preocupa, pois crianças e adolescentes ficam em condições mais vulneráveis as condições que a sociedade pode apresentar.

3.2 HABITAT PARA A HUMANIDADE

A *Habitat for Humanity International* foi fundada em 1976 por Millard Fuller e sua esposa Linda Fuller nos Estados Unidos. Sua sede internacional está localizada na cidade de Atlanta, Geórgia (HABITAT FOR HUMANITY, s.d, s.p). No ano de 1996 o ex-presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton atribuiu a Fuller a Medalha Presidencial da Liberdade, ou seja, a maior honra civil do país. Nomeou a ONG de “... o projeto de serviço comunitário contínuo de maior sucesso na história dos Estados Unidos”. Fuller morreu em fevereiro de 2009 aos 74 anos (HABITAT FOR HUMANITY, s.d, s.p).

Millard Fuller se tornou um jovem milionário, mas com a saúde e relacionamento com a esposa desgastados. O casal então resolveu vender todos os bens materiais e dedicar a vida aos pobres, que foi quando fundaram a *Habitat for Humanity*. Em parcerias com empresas e associados, a ONG começou a se expandir e atualmente está presente em mais de 70 países (HABITAT FOR HUMANITY, s.d, s.p).

Habitat para a Humanidade Brasil representa uma extensão da *Habitat for Humanity*, uma organização global não governamental, sem fins lucrativos, conta com profissionais capacitados na área de assistência técnica como arquitetos e engenheiros, que tem como causa a melhoria de moradias em situação de vulnerabilidade social como um direito humano fundamental. A Habitat Brasil atua em apoiar na autonomia de famílias e o desenvolvimento de suas comunidades, por meio de ações de construções, reforma e melhorias habitacionais, além disso, ajuda no acesso de água em regiões de seca. (HABITAT BRASIL, s.d, s.p).

A organização ainda desempenha oficinas, capacitações, campanhas de impacto e ações de crescimento comunitário, que objetivam dar autonomia as famílias, organizações sociais para a causa da moradia. A ONG também colabora em discussões de políticas públicas que facilitem o acesso á moradia adequada e segura para todos. Para concretizar suas ações, a Habitat Brasil conta com mais de 25 apoiadores, entre empresas multinacionais¹³, igreja

¹³ Exemplos de empresas multinacionais parceiras e investidoras da Habitat para a Humanidade Brasil: MetLife, P&G, Bloomberg, Cities Alliance, Dow, Votorantim cimentos, LG, wilo foundation, Onet, Gerdau, ProLogis, Somfy, Cisco Systems, Benefit cosmetics, Coral, abCasa, Oliver Wyman, Sales force, Planin.

metodista, Governo Federal do Brasil, Caixa Econômica Federal, fundações, doações de pessoas e trabalhos voluntários (HABITAT BRASIL, s.d, s.p).

No Brasil, a Habitat para a Humanidade Brasil atua há 25 anos, já aplicou projetos em 11 estados e mudou a vida de mais de 76 mil brasileiros. Sua história no país começou em 1989, no Bairro Liberdade na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais com a construção de 200 casas quando uma trágica enchente deixou centenas de famílias desabrigadas (HABITAT BRASIL, s.d, s.p).

Em 2007, a ONG recebeu o Prêmio Nacional de Melhorias Práticas da Caixa e o Troféu do Mérito Municipalista da ABM (Associação Brasileira de Municípios). A causa foi um projeto realizado na comunidade de Varjada (zona rural do município de Passira, Pernambuco), com a construção de 124 cisternas para famílias que não possuíam o acesso a água (HABITAT BRASIL, s.d, s.p).

No ano de 2013, Habitat Brasil estendeu seu trabalho para São Paulo, com a implantação do Escritório de Inovações Urbanas. A organização iniciou com melhorias habitacionais urbanas na comunidade de Heliópolis na qual atua atualmente. Por fim, em 2016, Habitat Brasil foi eleita como uma das 100 Melhores ONGs do Brasil, com direito ao selo do Instituto Doar (HABITAT BRASIL, s.d, s.p).

3.3 COMUNIDADE DE HELIÓPOLIS E A ATUAÇÃO PROFISSIONAL DA HABITAT

O projeto Habitat na Comunidade funciona através da assistência técnica construtiva e social ofertada pela ONG, com a reforma das casas cessando qualquer problema que venha atingir a saúde e integridade das famílias, conseguindo um subsídio de até 70%, em que as famílias podem pagar os 30% em parcelas acessíveis e esse valor pago é retornado para instituições dentro da comunidade. Ou seja, nada volta para a ONG e sim para a própria comunidade. Com o auxílio de uma equipe multidisciplinar, constituída por arquitetos, engenheiros, assistência técnica construtiva e social, as famílias atendidas, recebem acompanhamento do início ao fim da obra (Figura 21) (HABITAT BRASIL, s.d, s.p).

Figura 21: Acompanhamento da obra



Fonte: Razões para acreditar (2016).

Na cidade de São Paulo desde 2013 o projeto Habitat na Comunidade atua com visão de melhorias habitacionais urbanas e já beneficiou diretamente mais de 1070 pessoas, além de contribuir com a economia local por meio da utilização de mão de obra e compras de materiais locais. Mais de 600 moradias já foram reformadas na comunidade de Heliópolis. Para que as famílias recebam o benefício, a moradia deve apresentar condições precárias que possam prejudicar a saúde dos moradores, ou seja, com estrutura em vulnerabilidade, problemas em instalações elétricas e hidráulicas, insalubridade, quando mais de três pessoas compartilham do mesmo cômodo, falta de ventilação, iluminação e revestimentos, muita umidade e devem possuir renda mensal de no máximo 03 salários mínimo (HABITAT BRASIL, s.d, s.p) (Figura 22).

Figura 22: Reforma feita pela Habitat



Fonte: Hypheness (s.d).

Em reportagem para no *Youtube* (2016, s.p) para o Café com Jornal o diretor da Habitat para a Humanidade Brasil, Mário Vieira apresenta a obra visitada, indicando a troca de revestimentos das paredes, as instalações de janelas, a troca de piso e o reboco do teto. Obra esta da casa da Zenaide¹⁴ que é moradora a cinco anos da comunidade de Heliópolis em

¹⁴Zenaide Lima trabalha como manicure e é pernambucana.

São Paulo. Em entrevista ao jornal, ela lembra que as maiores preocupações em sua casa, eram do teto que não tinha forro e do banheiro que apresentava vazamento e cerâmicas danificadas.

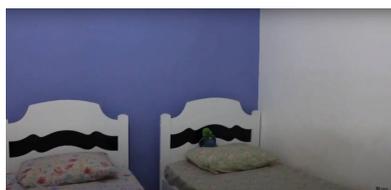
O material adquirido pela ONG para as reformas na comunidade de Heliópolis é comprado em lojas dentro da própria comunidade para que assim contribua com a economia local. Além disso, a mão de obra contratada, como por exemplo, pedreiros também são moradores da comunidade. Em entrevista, Ricardo Batista¹⁵ se diz alegre em poder estar contribuindo com o sonho dos vizinhos (*Youtube*, 2016).

Em outra obra visitada na reportagem, da auxiliar de limpeza Carmelita, a repórter Paula Valdez mostra a janela na fachada da casa para ventilação, uma pia de cozinha logo na entrada e um banheiro com revestimento cerâmico, o que antes da reforma não existia. Carmelita se sente feliz de ter conseguido um banheiro adequado e sua pia na cozinha. (*Youtube*, 2016).

Grande parte da demanda apresenta telhados e paredes deteriorados, pisos e paredes sem revestimento e ausência de banheiro. A Habitat atende prioritariamente as famílias que são lideradas por mulheres, que possuem crianças, idosos ou gestantes e pessoas com alguma doença crônica ou deficiência (HABITAT BRASIL, s.d, s.p).

Em depoimento para a Habitat Brasil (2016), Eliene que é mãe de duas meninas, uma de dez e outra de nove anos e tem o marido cadeirante, mora há 16 anos na comunidade de Heliópolis depois que veio do estado da Paraíba. Já faz 11 anos que Eliene trabalha em sua casa como manicure, para assim conseguir cuidar do marido e das filhas e ganhar sua renda. Sem condições de terminar as obras de sua casa, ela conheceu a ONG por meio de uma amiga e depois de dois meses da sua inscrição, ganhou a reforma. Eliene lembra que por causa da grande quantidade de mofo, tanto ela como as filhas sofriam muito com problemas respiratórios e depois da reforma ela agradece, pois melhorou muito a saúde dela e das filhas (Figura 23).

Figura 23: Quarto das filhas de Eliene reformado pela Habitat



Fonte: Habitat Brasil (2016).

¹⁵Ricardo Batista, morador da comunidade de Heliópolis, trabalha para a ONG.

Na página da internet Razões para acreditar (2016, s.p) em entrevista a arquiteta Mariana Estevão, quem está á frente do projeto disse como foi o início do projeto na comunidade. Segundo Mariana, as famílias as procuravam para que ela fosse visitar suas casas e ao chegar lá ela se sentia aflita em ver a situação das moradias e não tinham a sapiência de que a insalubridade poderia trazer muitos males á saúde. E conclui que no início não havia planejamento como metodologia definida para a recepção das famílias, a carência existente e os custos. Atualmente é feita uma análise na residência com profissionais, identificado o problema, feito um planejamento para as intervenções e pautada as prioridades.

Em entrevista ao canal do *Youtube* (2016, s.p) do site de notícias HuffPost Brasil a arquiteta Mariana Estevão¹⁶ lembra que 6% da população segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) vivem em assentamos precários e por mais que não seja uma realidade explícita, ela ressalta que só é possível enxergar quando se entra na moradia, geralmente em comunidades o quanto a ausência de assistência técnica e de recursos é lesivo para a qualidade do ambiente. Moradora de Heliópolis, Angélica da Silva¹⁷, em entrevista diz que não consegue convidar as pessoas para irem à sua casa por sentir vergonha, principalmente pelas condições das portas e a pintura. Lucineia¹⁸, também moradora da comunidade apresenta sua casa de dois cômodos, quarto, cozinha e um banheiro em que reside ela, o marido e os dois filhos sendo seu filho mais novo portador de deficiência física. Lucineia ressalta como a falta de espaço se torna desconfortável para a família.

Na mesma entrevista, Lucas Cabral que é técnico de construção da Habitat Brasil em Heliópolis comanda a reforma da casa de Lucineia com a construção de mais dois cômodos e lembra de como a realidade dentro da comunidade o deixou em choque em um primeiro momento de atuação e se sente grato em poder mudar para melhor essa realidade. Lucas diz que os profissionais responsáveis pela mão de obra são moradores da própria comunidade e são contratados pela empreiteira com quem trabalham. O técnico ainda ressalta a agilidade das obras, geralmente cinco por semana.

O objetivo das melhorias habitacionais é o de oferecer um ambiente seguro, saudável e confortável para as famílias da comunidade evoluírem e voltarem a ter esperanças. Estudos confirmam que o rendimento escolar de crianças é diretamente dependente ao ambiente em que vivem (HABITAT BRASIL, s.d, s.p). Segundo Ferreira e

¹⁶Mariana Estevão é arquiteta e urbanista, empreendedora social e atuante na ONG Habitat para a Humanidade.

¹⁷Angélica da Silva, moradora de Heliópolis e dona de casa.

¹⁸Lucineia Monteiro, moradora de Heliópolis e dona de casa.

Marturano (2002, p.39) crianças que moram em comunidades vulneráveis e em ambientes em que as famílias possuem dificuldades econômicas aproximam-se com mais facilidade de apresentarem dificuldades em seu desenvolvimento escolar. Além disso, o ambiente domiciliar inadequado é a causa de muitas quedas em pessoas da terceira idade. De acordo com Bruschi, Ferreti e Lunardi (2013, s.p) mais de 70% das quedas de idosos ocorrem dentro de suas casas, sendo as pessoas que residem sozinhas apresentarem maiores riscos. No estado de São Paulo, as quedas de idosos estão em primeiro lugar no que diz respeito à causa de mortes, representando 31,8% do total (HABITAT BRASIL, s.d, s.p). Sendo assim, um ambiente salubre, com ventilação e pisos regulares pode facilitar diretamente com o aumento do desenvolvimento escolar de crianças e adolescentes, a segurança da moradia, o término de problemas de saúde e a transformação da autoestima da família (HABITAT BRASIL, s.d, s.p).

Em entrevista ao canal do *Youtube* (2018, s.p) Habitat Brasil para o Instituto NET, Regina¹⁹ que mora com a filha Mayara²⁰ que é portadora de deficiência física, lembra que antes de receber a reforma, já estava conformada em ter uma moradia que não a agradava e não a deixava feliz em viver lá. Por conta disso, ela preferia ficar mais tempo fora de casa com a filha do que dentro. Continua dizendo que em uma tentativa de reforma da escada que leva para os quartos, o pedreiro colocou uma cerâmica inapropriada que deixou o piso liso, tornando perigoso para ela e a filha (Figura 24). Com o banheiro no pavimento térreo, para não precisar subir as escadas com a filha nos braços, Regina preferiu colocar uma mesa de cozinha com uma coberta em cima próxima ao banheiro, para facilitar trocar a roupa de Mayara.

Figura 24: Casa da Regina e Mayara durante a reforma



Fonte: Habitat Brasil (2018).

¹⁹Regina Ribeiro Marques Costa, moradora da comunidade de Heliópolis, diarista, contemplada com a reforma de sua casa.

²⁰Mayara é deficiente física, filha de Regina, moradoras de Heliópolis.

Fernanda²¹ que é supervisora das obras e comandou a reforma da casa da Regina. Visto a dificuldade de acessibilidade dentro da casa, a equipe de projeto decidiu construir um banheiro no andar superior dentro do quarto para facilitar a locomoção. Além disso, a residência recebeu um terraço para que Mayara pudesse ter mais contato com o sol, sem sair de casa. Regina visita a reforma com sentimento de gratidão e esperança e já percebe a transformação em sua casa (Figura 25).

Figura 25: Casa da Regina e Mayara reformada.



Fonte: Habitat para a Humanidade (s.d).

Larissa²² trabalha como voluntária e na entrevista ressalta como é um trabalho cansativo e deve ser mais valorizado, mas diz que foi uma experiência muito boa. Para finalizar Larissa lembra que o direito á moradia está presente na Constituição, mas que infelizmente ter um teto não quer dizer que você tem uma moradia e é o que ela percebe na realidade que viveu como voluntária da ONG.

3.4 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Este capítulo apresentou o estudo de caso, as fragilidades sociais e econômicas da comunidade de Heliópolis na cidade de São Paulo, assim como as observações da autora em visita *in loco* á comunidade e a Organização não governamental sem fins lucrativos, Habitat para a Humanidade. A ONG que atua no mundo, em mais de 70 países e no Brasil com melhorias habitacionais, especificamente na comunidade de Heliópolis em São Paulo. Dentro da comunidade com o projeto Habitat na Comunidade, foi apresentado entrevistas, depoimentos de moradores, voluntários e profissionais atuantes no projeto.

²¹Fernanda Amadeu da Silva, supervisora de obras na comunidade de Heliópolis.

²²Larissa Oseas Silva, profissão de Relações Públicas, trabalha como voluntária na ONG.

4. ANÁLISES DA APLICAÇÃO

O presente capítulo apresenta a metodologia e análise de informações desta pesquisa com o objetivo de obter as respostas e considerações necessárias como resposta ao problema inicial.

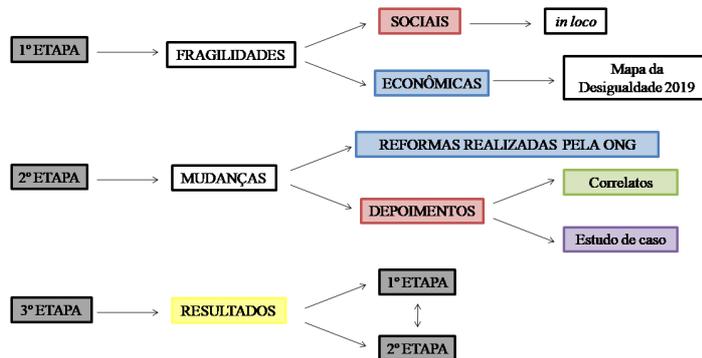
4.1 METODOLOGIA DE ANÁLISE

Para a fundamentação teórica usou-se da revisão bibliográfica e o método indutivo, que de acordo com Gil (2008, p. 10) esse método parte com o particular e a generalização como resultada do produto do trabalho diante de coleta de dados particulares. Com base na realização do capítulo 1, foram apresentados no capítulo 2, três correlatos sendo eles: 1) Quinta Monroy; 2) Conjunto Habitacional de Heliópolis – Gleba G; 3) Casa Vila Matilde. No capítulo 3, apresentou-se o estudo de caso, a Comunidade de Heliópolis e a atuação da ONG Habitat para a Humanidade.

A análise se desdobrou utilizando o método quali-quantitativo. Entendendo a qualitativa como declaração detalhada de circunstâncias com o objetivo de entender os usuários com seus próprios termos (GOLDENBERG, 2004, p. 53), já a quantitativa apresenta amostras amplas de dados numéricos (LAKATOS E MARCONI, 2008, p. 269). A integração entre as duas análises, de acordo com Goldenberg (2004, p. 62), permite ao pesquisador que se faça um cruzamento de conclusões a fim de possuir maior segurança de que seus dados não são produtos de um único procedimento ou informações particulares.

Nesse sentido, a análise se dividiu em três etapas, para compreender as fragilidades do local e de que forma ocorreram as mudanças. Sinteticamente as etapas são apresentadas no fluxograma abaixo (Figura 26).

Figura 26: Fluxograma da metodologia de análise



Legenda: ■ Itens qualitativos de análise ■ Itens quantitativos de análise

Fonte: elaborado pela autora (2020).

1º ETAPA: análise das fragilidades sociais e econômicas: As fragilidades sociais e econômicas foram separadas para a análise de modo a facilitar o entendimento, pois se trata de uma análise qualitativa e outra quantitativa.

-Fragilidades sociais: de maneira qualitativa resgata-se as fragilidades da comunidade de Heliópolis, apresentadas no capítulo 3, a partir da visita *in loco* da autora e também de depoimentos de moradores e trabalhadores da ONG.

-Fragilidades econômicas: de modo quantitativo foram retiradas do Mapa da Desigualdade de São Paulo apresentado no capítulo 3, que mostra fatores comparativos de 96 distritos da cidade, revelando o distanciamento socioeconômico entre as regiões com melhores e piores indicadores, onde se inclui a comunidade de Heliópolis.

2º ETAPA: análise das mudanças ocorridas no local a partir da atuação do arquiteto e urbanista em Heliópolis e nas obras correlatas

-Reformas realizadas pela ONG em Heliópolis: apresentam-se números retirados do capítulo 3 que mostram as reformas já realizadas na comunidade de Heliópolis pela ONG Habitat para a Humanidade.

-Depoimentos: Os depoimentos obtidos foram selecionados a partir de entrevistas feitas com moradores das obras dos correlatos apresentados no capítulo 2 e também os depoimentos dos moradores da comunidade de Heliópolis, apresentados no capítulo 3. Esse item fundamental para análise, uma vez que apresenta o reflexo que as obras representaram para seus usuários.

3º ETAPA: Resultados: correlação dos dados obtidos nas análises na etapa 1 e 2:

A partir das análises realizadas na etapa 1 e 2 foi elaborada a relação entre os dados obtidos nas duas etapas anteriores para a busca de resposta da problemática.

4.2 ANÁLISE: FRAGILIDADES SOCIAIS E ECONÔMICAS

Conforme metodologia apresentada o conceito de fragilidade foi explanado no capítulo 1 desse trabalho.

O quadro abaixo apresenta depoimentos que demonstram as fragilidades sociais de Heliópolis.

Quadro 1: Fragilidades qualitativas

	Depoimentos
<p>Fragilidades</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Carência de infraestrutura urbana do local, falta de acessibilidade, falta de espaços públicos para lazer, ruas e calçadas estreitas, fiação elétrica aparente. Grande quantidade de pessoas, inclusive crianças andando e brincando nas ruas, aglomeração de moradias sem recuos e com o mínimo ou ausência de ventilação e iluminação natural. As moradias também abrigavam famílias numerosas (observação da autora). - Lembra que 6% da população segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) vivem em assentamentos precários. - Mariana Estevão – arquiteta da ONG (HUFFPOST BRASIL, 2016). -Se sentia aflita em ver a situação das moradias e não tinham a sapiência de que a insalubridade poderia trazer muitos males à saúde - Mariana Estevão – arquiteta da ONG (RAZÕES PARA ACREDITAR, 2016). - Preferia ficar mais tempo fora de casa com a filha do que dentro - Regina – moradora (INSTITUTO NET, 2018). - A grande quantidade de mofo, tanto ela como as filhas sofriam muito com problemas respiratórios - Eliene – moradora (HABITAT BRASIL, 2016) -Maiores preocupações em sua casa, eram do teto que não tinha forro e do banheiro que apresentava vazamento e cerâmicas danificadas - Zenaide – moradora (CAFÉ COM JORNAL, 2016). - Não consegue convidar as pessoas para irem à sua casa por sentir vergonha, principalmente pelas condições das portas e a pintura - Angélica – moradora (HUFFPOST BRASIL, 2016).

Fonte: elaborado pela autora (2020).

A partir da tabela apresentada, podem-se identificar alguns pontos desfavoráveis para o desenvolvimento dos moradores da comunidade, como malefícios á saúde, vulnerabilidade por preferirem ficarem fora de suas moradias, insalubridade e vulneráveis em dias chuvosos.

Para a análise econômica de fragilidades, uma pesquisa realizada anualmente da Rede Nossa São Paulo aponta fatores comparativos que inclui o bairro Ipiranga onde a comunidade de Heliópolis se insere. Essa pesquisa mostra o “Mapa da Desigualdade”. A tabela a seguir mostra alguns fatores comparativos do bairro Ipiranga com outros dois distritos:

Tabela 2: Fragilidades quantitativas da comunidade de Heliópolis.

Fatores Comparativos	Ipiranga	Lapa	Vila Mariana
Arrecadação do IPTU (Imposto Predial e Território Urbano) - Arrecadação nominal de IPTU (Imposto Predial e Território Urbano)	R\$125.350.350,22	R\$183.662.050,66	R\$343.428.838,77
Favelas - Proporção de domicílios em favelas, em relação ao total de domicílios (%).	3,66	0,54	0,92
Equipamentos públicos de cultura – Proporção de equipamentos públicos municipais de cultura, para cada cem mil habitantes.	5,42	11,94	6,82
Acervo de livros infanto-juvenis – Proporção de livros infanto-juvenis disponíveis em acervos de bibliotecas municipais, para cada habitante na faixa etária de 7 a 14 anos	0	0,003	0
Equipamentos públicos de esporte – Proporção de equipamentos públicos municipais de esporte, para cada dez mil habitantes	0,45	0,45	0,23
Emprego formal – Taxa de emprego formal, por dez habitantes participantes da PIA (população em idade ativa) com idade igual ou superior a quinze anos	7,53	17,38	9,20

Fonte: Rede Nossa São Paulo (2019) reorganizado pela autora.

Como apresentado na tabela, os fatores de arrecadação de IPTU, favelas, equipamentos públicos de cultura e emprego formal do bairro Ipiranga apresentaram números inferiores aos demais distritos. O fator acervo de livros infanto-juvenis por mais que esteja com o número

zerado ainda está superior ao distrito Lapa que apresenta 0,003, mas está desfavorável por ser um fator comparativo importante para o desenvolvimento dos jovens. O fator equipamentos públicos de esporte mostra um número igual ao distrito Lapa, 0,45 o que é maior que o distrito Vila Mariana com 0,23. Mas por se tratar de um fator significativo para o lazer e crescimento do local também se apresenta desfavorável.

4.3 ANÁLISE: MUDANÇAS OCORRIDAS NO LOCAL A PARTIR DA ATUAÇÃO DO ARQUITETO E URBANISTA EM HELIÓPOLIS E NAS OBRAS CORRELATAS

Diante de tais fragilidades, a ONG Habitat para a Humanidade atua na comunidade de Heliópolis com o auxílio em assistência técnica para as moradias, com profissionais capacitados como arquitetos, engenheiros e assistentes sociais. A tabela a seguir mostra os números:

Tabela 3: Quantitativo da atuação da ONG Habitat para a Humanidade em Heliópolis.

Atuação da ONG Habitat para a Humanidade na comunidade de Heliópolis	Pessoas beneficiadas	Moradias reformadas
Quantitativo	1070 pessoas	600 moradias

Fonte: Habitat Brasil (s.d) organizado pela autora.

De acordo com os números, pode-se notar que a atuação da ONG na comunidade de Heliópolis já beneficiou centenas de pessoas com a reforma de moradias.

Abaixo, para a presente análise qualitativa foram separados depoimentos dos correlatos (Quinta Monroy do arquiteto Alejandro Aravena, Conjunto Habitacional de Heliópolis – Gleba G dos arquitetos Mario Biselli e Arthur Katchborian e Casa Vila Matilde do escritório Terra e Tuma) apresentados no capítulo 2 que tiveram reconhecimento internacional e dos moradores do estudo de caso.

Quadro 2: Depoimentos dos correlatos.

	Depoimentos
Correlatos	<p>Quinta Monroy: Se sente grata pelo projeto, pois gerou maior vínculo entre os vizinhos, além do reconhecimento ao trabalho dos arquitetos em conjunto com a comunidade: “Somos todos trabalhadores. Nos organizamos, fomos construindo pouco a pouco. Comparado á forma com que vivíamos antes, estávamos recebendo um palácio” - Veredice Gallardo – moradora Quinta Monroy (ARQUITECHNE, 2018).</p> <p>Conjunto Habitacional de Heliópolis – Gleba G: A área era lembrada por seu abandono, mas que hoje mostra um cenário totalmente contrário: "Existe um histórico de que esta é uma área que ninguém cuida, mas a realidade mostra-se outra. Hoje, o mais bacana é ver aquele pátio sempre ocupado. É o aposentado jogando seu joguinho, são as crianças brincando” - Arthur Katchborian – arquiteto do projeto Conjunto Habitacional de Heliópolis – Gleba G (ARQUITETURA, 2015).</p> <p>Casa Vila Matilde: Se sente aliviada e segura em sua nova residência, porque o que fez com que ela tomasse a atitude de reformar sua casa foi o fato que ocorreu um dia em que chegou tarde do trabalho, quando estava no banheiro, escutou um barulho muito alto, era o teto caindo sobre sua cama. Se sente em um palácio e dorme tranquila sabendo que seu teto não irá desabar novamente - Dona Dalva – moradora (CAU/MG, 2015).</p>

Fonte: elaborado pela autora (2020).

De acordo com a tabela pode-se observar que em todos os depoimentos dos correlatos as mudanças foram positivas e o sentimento de gratidão se mostra explícito. O modo de viver melhorou e a qualidade do espaço também.

No estudo de caso, apresentado no capítulo 3 também foi explanado depoimentos de moradores e profissionais que trabalham com a ONG na comunidade de Heliópolis. No quadro a seguir mostra depoimentos de moradores da comunidade, trabalhadores e voluntários da ONG.

Quadro 3: Depoimentos do estudo de caso.

	Depoimentos
Estudo de Caso	<ul style="list-style-type: none"> - Agradece, pois melhorou muito a saúde dela e das filhas- Eliene – moradora (HABITAT BRASIL, 2016). - Visita a reforma com sentimento de gratidão e esperança e já percebe a transformação em sua casa que agora possui um terraço para a filha que é cadeirante conseguir tomar um sol - Regina – moradora (INSTITUTO NET, 2018). - Visto a dificuldade de acessibilidade dentro da casa, a equipe de projeto decidiu construir um banheiro no andar superior dentro do quarto para facilitar a locomoção. Além disso, a residência recebeu um terraço para que Mayara pudesse ter mais contato com o sol, sem sair de casa - Fernanda – supervisora de obra da ONG (INSTITUTO NET, 2018). - Apresenta a obra visitada (residência da Zenaide), indicando a troca de revestimentos das paredes, as instalações de janelas, a troca de piso e o reboco do teto - Mário Vieira – presidente da ONG (CAFÉ COM JORNAL, 2016). - Mostra a janela na fachada da casa para ventilação, uma pia de cozinha logo na entrada e um banheiro com revestimento cerâmico, o que antes da reforma não existia - Carmelita – moradora (CAFÉ COM JORNAL, 2016). - Lembra de como a realidade dentro da comunidade o deixou em choque em um primeiro momento de atuação e se sente grato em poder mudar para melhor essa realidade. Lucas diz que os profissionais responsáveis pela mão de obra são moradores da própria comunidade e são contratados pela empreiteira com quem trabalham. O técnico ainda ressalta a agilidade das obras, geralmente cinco por semana - Lucas - técnico de construção da ONG (HUFFPOST BRASIL, 2016). - Se diz alegre em poder estar contribuindo com o sonho dos vizinhos. - Ricardo Batista – pedreiro e morador da comunidade (CAFÉ COM JORNAL, 2016). - Ressalta como é um trabalhado cansativo e deve ser mais valorizado, mas diz que foi uma experiência muito boa - Larissa – voluntária (INSTITUTO NET, 2018).

Fonte: elaborado pela autora.

De acordo com os depoimentos apresentados na tabela acima, pode-se observar que as moradoras se sentem muito gratas e satisfeitas com a reforma de suas casas, pois trouxe maior conforto. Nota-se também que a mão de obra parte da contratação dos próprios moradores da comunidade, ou seja, fornecendo empregos e girando a economia local. Se comparado com os depoimentos das obras correlatas nota-se semelhanças no sentimento de gratidão dos usuários.

4.4 RESULTADOS DE ANÁLISE

Diante dos dados apresentados nas análises, o quadro abaixo pode-se sintetizar e reunir informações em relação às fragilidades do local e apresentar se a atuação da ONG Habitat

para a Humanidade na comunidade de Heliópolis pôde trazer algumas mudanças para o cenário atual.

Quadro 4: Resultados da análise.

	FRAGILIDADES	MUDANÇAS
	- Falta de acessibilidade	- Melhorias de saúde
	- Falta de Infraestrutura	- Acessibilidade
	-Moradias sem ventilação e iluminação	- Qualidade de vida
	-Ausência de áreas de lazer	- Gratidão
Sociais e	- Carência em acervo de livros infanto-	- Cultura e lazer para a comunidade
Econômicas	juvenis	- Emprego
	- Ausência de equipamentos públicos de cultura	- Conforto
	- Carência em emprego formal	- Habitação segura
	- Insalubridade	- Valorização do trabalho voluntário
	- Vergonha da habitação	

Fonte: elaborado pela autora.

Portanto, consegue-se notar que em relação às fragilidades sociais e econômicas a ONG conseguiu sanar problemas nas moradias, como a insalubridade, acessibilidade, segurança, conforto e qualidade de vida assim como o investimento em atividades de lazer e cultura para a comunidade através das instituições. Além disso, pode-se observar que com a contratação de moradores da comunidade para a mão de obra do trabalho da ONG, ajuda na questão do emprego formal que é uma das fragilidades econômicas apontada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente, esta pesquisa buscou levantar informações que pudesse agregar valores para o âmbito social, acadêmico e profissional e tendo como resultado ao questionamento de quais os impactos da atuação do arquiteto e urbanista para a população em áreas de fragilidades sociais e econômicas no contexto contemporâneo. Partindo disso, a hipótese inicial, objetivos, marco teórico e encaminhamento metodológico.

Na primeira etapa apresentou os fundamentos arquitetônicos escalonados aos quatro pilares para a formação do arquiteto e urbanista, fazendo um resgate histórico de conceitos e evoluções da sociedade para melhor entendimento do estudo.

Para isso, o primeiro capítulo trouxe as fundamentações teóricas, como o que é arquitetura e urbanismo, a atuação de arquitetos e urbanistas e sua função social, o perfil da sociedade contemporânea e os espaços com fragilidades sociais e econômicas necessárias para o entendimento de fatores responsáveis para a continuação desta pesquisa. Considerando um tema com grande relevância social para a atualidade.

No segundo capítulo foram apresentados três correlatos com reconhecimento mundial e nacional que serviram como referência para o capítulo três. Os correlatos foram a Quinta Monroy de Alejandro Aravena vencedor do Prêmio Pritzker em 2016. O Conjunto Habitacional de Heliópolis – Gleba G e o último a Casa Vila Matilde vencedora do Prêmio ArchDaily como a melhor casa do mundo no ano de 2016.

O terceiro capítulo apresentou um estudo de caso, a comunidade de Heliópolis, explanando suas pontuais fragilidades sociais e econômicas assim como o Projeto Habitat da Comunidade da ONG Habitat para a Humanidade Brasil na comunidade de Heliópolis em São Paulo. A partir de uma visita *in loco* feita á ONG e á comunidade e de pesquisas em revisões bibliográficas pode-se entender as reais fragilidades sociais e econômicas vividas, o trabalho da organização para cessar tais problemas e o quanto os profissionais, beneficiários e voluntários ficam satisfeitos e gratos com o trabalho prestado pela Habitat. Além disso, a preocupação da ONG com a comunidade em geral, contribuindo com a economia local.

E por fim o quarto capítulo em que foi desenvolvida a análise, apresentando sua metodologia de pesquisa e as etapas de análise para a obtenção de resultados da problemática inicial. Na primeira etapa foi realizada uma análise das fragilidades sociais e econômicas observada pela autora *in loco* e depoimentos apontados. Na segunda etapa, uma análise sobre a atuação da ONG na comunidade e as possíveis mudanças alcançadas. Por fim, na terceira

etapa os resultados de análises que chegou – se a conclusão de que os impactos da atuação do arquiteto e urbanista para a população em áreas de fragilidades sociais e econômicas nos espaços contemporâneos são positivos, uma vez que a atuação exercida pela ONG por arquitetos e urbanistas reflete em retornos satisfatórios para a comunidade em geral, com a geração de empregos, retorno financeiro para instituições da comunidade e moradias adequadas, promovendo um maior desenvolvimento e qualidade de vida para os moradores de Heliópolis.

Assim, a hipótese inicial de que os impactos sejam positivos, pois o profissional acaba promovendo ambientes que sejam mais seguros e que possam trazer uma vida digna às famílias que vivem em áreas de fragilidades sociais e econômicas no contexto atual, ficando aqui como comprovada.

Por fim, a pesquisa apresentada deriva do trabalho de curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo mostrando-se concluída. Sendo assim, conseguiu-se perceber o quanto importante e o quanto de benefícios que a atuação do profissional arquiteto e urbanista reflete no espaço contemporâneo. Cenário esse que se espalha pelo mundo e não são vistos por mais profissionais como os que atuam na comunidade de Heliópolis por meio da ONG Habitat para a Humanidade. O arquiteto e urbanista tem total responsabilidade perante a sociedade e a sua atuação, o compartilhamento e aplicação de seus conhecimentos podem mudar diversas outras realidades.

Para isso, propõe-se o uso do trabalho como inspiração para o interesse ao tema de pesquisa com outras possíveis análises e discussões e que se torne um assunto mais discutido no meio acadêmico e profissional.

Portanto, a autora planeja atuar na área de assistência técnica social em espaços com população em fragilidades sociais e econômicas, bem como participar de debates e discussões sobre a atuação social do arquiteto e urbanista.

REFERÊNCIAS

ABIKO, A. L.; ALMEIDA, M. A. P.; BARREIROS, M. A. F. **Urbanismo: História e Desenvolvimento**. Escola Politécnica USP-Departamento de Engenharia e Construção Civil, 1995. Disponível em: <http://www.pcc.usp.br/files/text/publications/TT_0001> Acesso em: 20 ago. 2019.

ANDRADE, Liza Maria Souza de. **O conceito de Cidades-Jardins: uma adaptação para as cidades sustentáveis**. Vitruvius, 2003. Disponível em: <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.042/637>> Acesso em: 05 out. 2019.

ARCHDAILY. **HIS - Conjunto Heliópolis Gleba G / Biselli + Katchborian Arquitetos**. 2011. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/01-16929/his-conjunto-heliopolis-gleba-g-biselli-mais-katchborian-arquitetos>> Acesso em: 11 out. 2019.

ARCHDAILY. **Casa Vila Matilde / Terra e Tuma Arquitetos Associados**. 2015. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/776950/casa-vila-matilde-terra-e-tuma-arquitetos>> Acesso em: 15 out. 2019.

ARQUITECHNE. **Quinta Monroy 12 anos depois: uma análise da habitação social de Alejandro Aravena**. 2018. Disponível em: <<https://arquitechne.com/quinta-monroy-12-anos-depois-uma-analise-da-habitacao-social-de-alejandro-aravena/>> Acesso em: 8 out. 2019.

ARQUITETURA, Galeria da. **Conjunto Habitacional Heliópolis - Gleba G - Biselli e Katchborian Arquitetos**. 2015 (4m07s). Disponível em: <https://www.galeriadaarquitetura.com.br/projeto/biselli-e-katchborian-arquitetos-associados_/conjunto-habitacional-heliopolis-gleba-g/1842> Acesso em: 14 out. 2019.

AURÉLIO, Buarque de Holanda Ferreira. **Dicionário da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

BAENINGER, Rosana. **População e Cidades: subsídios para o planejamento e para as políticas sociais**. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Brasília: UNFPA, 2010. Disponível em: <<https://brazil.unfpa.org/pt-br/publications/popula%C3%A7%C3%A3o-e-cidades-subs%C3%ADdios-para-o-planejamento-e-para-pol%C3%ADticas-sociais>> Acesso em: 20 ago. 2019

BARATTO, Romullo. **Estudo encomendado pelo Ministério das Cidades avalia o programa “Minha Casa, Minha Vida”**. Archdaily, 2014. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/759256/estudo-encomendado-pelo-ministerio-das-cidades-avalia-o-programa-minha-casa-minha-vida>> Acesso em: 15 out. 2019.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. **Globalização as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

BENEDETTI, C. Cultura de projeto: A quebra dos paradigmas de projetos de habitação econômica coletiva. In: **Anais 4º Fórum Habitar**. 2017, Belo Horizonte, Minas Gerais.

BENEVOLO, L. **História da Cidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993.

BRASIL, Habitat. **História da Habitat no Brasil**. s/ano. Disponível em: <<https://habitatbrasil.org.br/quem-somos/nossa-historia/>> Acesso em: 13 jan. 2020.

BRUSCHI, Larissa; FERRETTI Fátima; LUNARDI Diany. Causas e conseqüências de quedas de idosos em domicílio. **Fisioter.mov**, Curitiba, v.26, n.4, s.p, 2013. Disponível:< https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-51502013000400005&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 15 mar. 2020.

CABRAL, L. N. e CÂNDIDO, G. A. 2019. Urbanização, vulnerabilidade, resiliência: relações conceituais e compreensões de causa e efeito. *urbe*. Revista **Brasileira de Gestão Urbana**, 11, e20180063. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/urbe/v11/2175-3369-urbe-11-e20180063.pdf>> Acesso em: 07 jan. 2020.

CAMPOS, Luís; CANAVEZES, Sara. **Introdução à globalização**. [S.I.], 2007.

CASTILHO, Juliana Vargas de. **A favelização do espaço urbano em São Paulo. Estudo de caso: Heliópolis e Paraisópolis**. 2013. Dissertação (Mestrado – Área de Concentração: Habitat) – FAUUSP, São Paulo, 2013. Disponível: < https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16137/tde-06082013-095903/publico/MESTRADO_JULIANA_CASTILHO.pdf> Acesso em: 18 abr. 2020.

CAU/BR. **Pesquisa inédita: Percepções da sociedade sobre Arquitetura e Urbanismo**. 2015. Disponível em: < <https://www.caubr.gov.br/pesquisa-caubr-datafolha-revela-visoes-da-sociedade-sobre-arquitetura-e-urbanismo/>> Acesso em: 23 ago. 2019.

_____. **É campeã: Casa de dona Dalva é eleita melhor casa do mundo pelo ArchDaily**. 2016. Disponível em: < <https://www.caubr.gov.br/casa-de-dona-dalva-da-campanha-do-dia-do-arquiteto-e-finalista-em-premio-mundial/>> Acesso em: 15 out. 2019.

_____. **Arquitetura Social: O mal-entendido que levou Ruy Ohtake a Heliópolis, em SP**. 2018. Disponível em: < <https://www.caubr.gov.br/arquitetura-social-redondinhos/>> Acesso em: 26 ago. 2019.

_____. **Pesquisa CAU/BR revela perfil profissional dos arquitetos e urbanistas brasileiros**. 2019. Disponível em: < <https://www.caubr.gov.br/pesquisa-cau-br-revela-perfil-profissional-dos-arquitetos-e-urbanistas-brasileiros/>> Acesso em: 23 ago. 2019.

_____. **Portal da Transparência Apresentação**. S/d. Disponível em: <<https://transparencia.caubr.gov.br/apresentacao/>> Acesso em: 26 ago. 2019.

CAU/MG. **Dia do Arquiteto e Urbanista 2015 – Dona Dalva**. 2015. (5m23s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nVK9p2mRjmg>> Acesso em: 12 out. 2019.

CHAKUR, Pablo. **Urbanidade: conceito e parâmetros**. Vitruvius. 2018. Disponível em: <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/18.214/6983>> Acesso em: 23 ago. 2019.

CHOAY, Françoise. **O urbanismo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

CLUBMAN, Mini. **Casa Vila Matilde / Terra e Tuma Arquitetos Associados**. Archdaily, 2015. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/776950/casa-vila-matilde-terra-e-tuma-arquitetos>> Acesso em: 11 out. 2019.

COLIN, Silvio. **Uma introdução á arquitetura**. Rio de Janeiro: Editora UAPÊ, 2000.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. [S.I.]: Editora Ática, 1995.

COSTA, André. **Morro do Pinto – Rio de Janeiro – 1912**. 2007. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/andre_so_rio/469069299> Acesso em: 15 out. 2019.

DATAFOLHA. **História**. Disponível em: <<https://datafolha.folha.uol.com.br/sobre/historia/index.shtml>> Acesso em: 26 ago. 2019.

DEBORD. Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DICIO, **Significado de Sociopolíticos**. Dicionário online de Português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/sociopoliticos/>> Acesso em: 27 ago.2019.

DOROTEO, Jan. **Em foco: Shigeru Ban**. Archdaily, 2016. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/792780/em-foco-shigeru-ban>> Acesso em: 26 ago. 2019.

ESTADÃO. **A história da Vila Matilde**. 2015. Disponível em: <<https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,a-historia-da-vila-matilde,1745587>> Acesso em: 15 out. 2019.

_____. **Déficit habitacional é recorde no País**. 2019. Disponível em: <<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,deficit-habitacional-e-recorde-no-pais,70002669433>> Acesso em: 23 ago. 2019.

FAENG, Faculdade de Engenharias, Arquitetura e Urbanismo e Geografia. **Conceituação: a função social da profissão e da Arquitetura e Urbanismo**. s/ano. Disponível em: <<https://faeng.ufms.br/graduacao/bacharelado/arquitetura-e-urbanismo/conceituacao-a-funcao-social-da-profissao-e-da-arquitetura-e-urbanismo/>> Acesso em: 21 ago. 2019.

FAG. **Manual para Elaboração de Trabalhos Acadêmicos**. 4ª Ed. Cascavel: FAG, 2011.

FERREIRA, Marlene de Cássia Trivellato; MARTURANO, Edna Maria. Ambiente familiar e os problemas do comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 35-44, 2002.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Arquiteto instala gangorra na fronteira EUA-México em protesto contra políticas migratórias.** 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/07/arquiteto-instala-gangorra-na-fronteira-eua-mexico-para-criancas-dos-dois-lados-brincarem.shtml>> Acesso em: 23 ago. 2019.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Fotografias Heliópolis.** 2018. Disponível em: <<https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1595144128184749-heliopolis>> Acesso em: 20 abr. 2020.

FREITAS, Hélber. **Direitos sociais: direito á moradia.** Jusbrasil. 2014. Disponível em: <<https://helberfreitas.jusbrasil.com.br/artigos/145423551/direitos-sociais-direito-a-moradia>> Acesso em: 26 ago. 2019.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Déficit Habitacional no Brasil 2015.** Belo Horizonte: FJP, 2018. Disponível em: <<http://novosite.fjp.mg.gov.br/deficit-habitacional-no-brasil/>> Acesso em: 23 ago. 2019.

GEHL, Jan. **Cidades para pessoas.** São Paulo: Perspectiva, 2015.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 2008.

GLANCEY, Jonathan. **A História da Arquitetura.** São Paulo: Edições Loyola, 2001.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa em ciências sociais.** Rio de Janeiro: Record, 2014.

GOOGLE MAPS, 2019. **Localização da Quinta Monroy em Iquique, Chile.** Disponível em: <google.com.br/maps/place/Quinta+Monroy/@-20.2497994,70.1577539,15070m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0x9152140e66732deb:0x9446d4718f82e1af!8m2!3d-20.229588!4d-70.1359998> Acesso em: 27 ago. 2019.

_____. **Localização do Conjunto Habitacional de Heliópolis Gleba G em São Paulo – SP.** Disponível em: <<https://www.google.com/maps/place/Quinta+Monroy/@-20.2339866,-70.209964,22387m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0x9152140e66732deb:0x9446d4718f82e1af!8m2!3d-20.229588!4d-70.1359998>> Acesso em: 26 out. 2019.

_____. **Conjunto Habitacional da Gleba G: conexão da cidade formal com a informal.** Disponível em: <<https://www.google.com/maps/place/Condominio+Habitacional+Heliopolis/@-23.6001137,-46.6012148,1367m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0x94ce5b88e64b46df:0x1de5d43861b97a73!8m2!3d-23.6000351!4d-46.596816>> Acesso em: 26 out. 2019.

_____. **Localização Vila Matilde, São Paulo.** Disponível em: <<https://www.google.com/maps/place/Vila+Matilde,+S%C3%A3o+Paulo++SP/@-23.5705931,-46.7407687,90040m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0x94ce5e0fe367e183:0xf38b46bed1b8afb2!8m2!3d-23.5377214!4d-46.5256464>> Acesso em: 27 out. 2019.

GOOGLE MAPS, 2020. **Mapa de Heliópolis**. Disponível em: <<https://www.google.com/maps/place/Cidade+Nova+Heli%C3%B3polis,+S%C3%A3o+Paulo+-+SP/@-23.6112837,-46.5986632,2733m/data=!3m2!1e3!4b1!4m5!3m4!1s0x94ce5c80e1cf4d9b:0x82dc0eb8038f7d3c!8m2!3d-23.6109411!4d-46.5927939>> Acesso em: 20 mar. 2020.

HABITAT BRASIL. **Habitat na Comunidade**. s/ano. Disponível em: <<https://habitatbrasil.org.br/projetos/melhoria-habitacional/habitat-na-comunidade/>> Acesso em: 29 jan. 2020.

HABITAT FOR HUMANITY. **Millard Fuller Co-fundador do Habitat for Humanity**. s/ano. Disponível em: <<https://www.habitat.org/about/history/habitat-for-humanity-co-founder-millard-fuller>> Acesso em: 13 jan. 2020.

HELM, Joanna. **HIS - Conjunto Heliópolis Gleba G / Biselli + Katchborian Arquitetos**. Archdaily, 2011. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/01-16929/his-conjunto-heliopolis-gleba-g-biselli-mais-katchborian-arquitetos>> Acesso em: 11 out. 2019.

HISTÓRIAS DE MÃES – LUCINEIA E ELIENE. [S.I; s.n], 2016. 1 vídeo (4min39s). Publicado pelo canal Habitat Brasil. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KZTLw0qUIZo>> Acesso em: 16 mar. 2020.

HONESKO, Vinícius Nicastro. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009. Disponível em: <<https://epdf.pub/o-que-e-o-contemporaneo-e-outros-ensaios.html>> Acesso em: 24 ago. 2019.

HYPENESS. **Estes arquitetos estão transformados as moradias na periferia de São Paulo**. S.d Disponível em: <<https://www.hypeness.com.br/2016/11/estes-arquitetos-estao-transformando-as-moradias-na-periferia-de-sao-paulo/>> Acesso em: 18 abr. 2020.

JACCOUD, Luciana. **Questão Social e Políticas Sociais no Brasil Contemporâneo**. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2009. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3234/1/Livro_Questao_Social.pdf> Acesso em: 21 ago. 2019.

JARDIM, M. Habitação (é) Elemental: o caso de Quinta Monroy. In: **Anais 4º Fórum Habitar**. 2017, Belo Horizonte, Minas Gerais. Disponível em: <<https://even3.blob.core.windows.net/anais/72537.pdf>> Acesso em: 08 out. 2019.

KOURY, Rafael. **Considerações sobre a boa cidade Justiça ambiental urbana e sustentabilidade**. Vitruvius. 2015. Disponível em: <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/15.179/5520>> Acesso em: 23 ago. 2019.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2001.

MONTEIRO, Adriano Roseno; VEGAS, Antonio Tolrino de Rezende. **A questão habitacional no Brasil**. Fortaleza: [s.n.], 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-22012017000100214&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 21 ago. 2019.

MOREIRA, Felipe de Freitas. **Heliópolis e as estratégias de enfrentamento da cidade real**. Dissertação de Mestrado. São Paulo, 2017. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16137/tde-13062017-124549/publico/FelipeFreitasMoreira_corrigeida.pdf> Acesso em: 18 abr. 2020.

MUSSI, Monica. **O trabalho na sociedade contemporânea**. [S.I.], [s.n.], [s.d.]. Disponível em: <http://www.moodle.cpsctec.com.br/capacitacaopos/mstech/FP_2016/pdf/d2/aula04/O_trabalho_na_sociedade_contempor%C3%A2nea.pdf> Acesso em: 20 ago. 2019.

NOGUEIRA, Priscilla Silva. **Práticas de Arquitetura para Demandas Populares A experiência dos Arquitetos da Família**. 2010. Dissertação (Mestrado em Teoria e Prática do Projeto de Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Arquitetura da UFMG, Belo Horizonte, [s.n.], 2010. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/RAAO-84FN9C>> Acesso em: 22 ago. 2019.

NUNES, Christiane Girard Ferreira; LACERDA, Norma. Planejamento urbano, arquitetura e urbanismo: a serviços de uma outra geografia? Brasilmar Ferreira Nunes (em memória). **Revista Sociedade e Estado**: 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69922016000500989&script=sci_arttext&tlng=pt> Acesso em: 20 ago. 2019.

OLDONI, Sirlei Maria. **Imagens de acervo da autora**. 2016.

OLIVEIRA, Mariana Gimenes de; PISANI, Maria Augusta Justi. **Conjunto habitacional gleba G – Heliópolis Projeto contemporâneo de habitação de interesse social em São Paulo**. Vitruvius, 2017. Disponível em: <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/18.206/6629>> Acesso em: 11 out. 2019.

ONG HABITAT BRASIL MUDA REALIDADE DAS HABITAÇÕES EM HELIÓPOLOS (SP). [S.I.; s.n.], 2016. 1 vídeo (3min57s). Publicado pelo canal HuffPost Brasil. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KqnQtLozzo4>> Acesso em: 16 mai. 2020.

ONG REFORMA CASAS DE COMUNIDADE DE SÃO PAULO – CAFÉ COM JORNAL. [S.I.; s.n.], 2016. 1 vídeo (3min27s). Publicado pelo canal Habitat Brasil. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cbsN9wXF1Gk>> Acesso em: 16 mar. 2020.

PEREIRA, José Ramón Alonso. **Introdução á História da Arquitetura, das origens ao século XXI**. Porto Alegre: Bookman, 2010.

PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRAS DE DOMICÍLIOS. Síntese de Indicadores. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98887.pdf>> Acesso em: 20 ago. 2019.

PORTAL APRENDIZ. **Jane Jacobs e a humanização da cidade**. 2018. Disponível em: <<https://portal.aprendiz.uol.com.br/2018/07/24/jane-jacobs-e-humanizacao-da-cidade/>> Acesso em: 26 ago. 2019.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Dados demográficos dos distritos pertencentes às Subprefeituras**. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/subprefeituras/dados_demograficos/index.php?p=12758> Acesso em: 18 abr. 2020.

PRONI, M. W. O trabalho na civilização contemporânea: Leituras e Reflexões. In: **Anais do IX Simpósio Internacional Processo Civilizador Tecnologia e Civilização**, s.d, Ponta Grossa. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais9/artigos/ Mesa_redonda/art14.pdf> Acesso em: 20 ago. 2019.

RAZÕES PARA ACREDITAR. **Arquitetos reformam casas de moradores da favela de Heliópolis, em São Paulo**. 2016. Disponível em: <<https://razoesparaacreditar.com/arquitetos-reformam-casas-de-moradores-da-favela-de-heliopolis-em-sao-paulo/>> Acesso em: 18 abr.2020.

REDE NOSSA SÃO PAULO. **Mapa da Desigualdade 2019 é lançado em São Paulo**. São Paulo, 2019. Disponível em: <<https://www.nossasaopaulo.org.br/2019/11/05/mapa-da-desigualdade-2019-e-lancado-em-sao-paulo/>> Acesso em: 18 abr. 2020.

RIBEIRO, Stephanie. **A Arquitetura precisa reconhecer, além do papel social, os debates sobre Raça e Gênero**. Archdaily, 2016. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/788948/a-arquitetura-precisa-reconher-alem-do-papel-social-os-debates-sobre-raca-e-genero>> Acesso em: 23 ago. 2019.

SALADO, Gerusa de Cássica; SICHIERI, Eduvaldo Paulo. A arquitetura em tubos de papelão de Shigeru Ban. **Revista æ ensaios**, n.1, p 4-16, 2 out. 2006. Disponível em: <<https://www.usp.br/nutau/CD/63.pdf>> Acesso em: 21 ago. 2019.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização do pensamento único á consciência universal**. [S.I.] : Editora RECORD, 2000.

SANTOS, Gustavo Viana dos. **A função social da arquitetura materializada no espaço de aprendizagem: Proposta de anteprojeto para uma escola de arquitetura e urbanismo em Campos dos Goytacazes/RJ**. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <<https://www.escavador.com/sobre/3788364/regina-coeli-martins-paes-aquino>> Acesso em: 22 ago. 2019.

SAPORITO, Juliana Tancini. **Análise do Programa Minha Casa Minha Vida para empreendimentos voltados para famílias classificadas na faixa 1 do programa.** 2015. Monografia (MBA em Economia setorial e mercados, com ênfase em Real Estate) – Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. Poli- Integra. São Paulo, 2015. Disponível em: <https://www.realestate.br/dash/uploads/sistema/Monografias_de_MBA/mono_julianatancinisaporito.pdf> Acesso em: 15 out. 2019.

SCIELO. **Tempos Líquidos.** 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222010000100016> Acesso em: 20 ago. 2019.

SINDARQPR. **Boletim Espaço Livre – SARQ/GO.** s/ano. Disponível em: <<https://www.sindarqpr.org.br/a-funcao-social-do-arquiteto-e-do-urbanista/>> Acesso em: 22 ago. 2019.

SIQUEIRA, Vinícius. **Guy Debord e a sociedade do espetáculo.** Obvious. s.d. Disponível em: <http://obviousmag.org/archives/2013/05/guy_debord_e_a_sociedade_do_espetaculo.html> Acesso em: 21 ago. 2019.

TOLEDO, B.B. de. A formação das favelas na cidade do Rio de Janeiro: Uma análise baseada na segregação populacional e exclusão social. In: **Anais do XVI Encontro Nacional de pesquisadoras/ es em Serviço Social.** 2018, Vitória, Espírito Santo.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar A perspectiva da existência.** São Paulo, DIFEL, 1983.

VICTORIANO, Gabrielle. **Habitação humizada.** s/ano. Disponível em: <https://www.galeriadaarquitectura.com.br/projeto/biselli-e-katchborian-arquitetos-associados_/conjunto-habitacional-heliopolis-gleba-g/1842> Acesso em: 20 nov. 2019.

VOLUNTÁRIOS AJUDAM A REFORMAR CASAS EM HELIÓPOLIS / INSTITUTO NET CIDADANIA. [S.I; s.n], 2018. 1 vídeo (7min29s). Publicado pelo canal Habitat Brasil. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mAUc5tVX1NY>> Acesso em: 16 mai. 2020.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZEVI, Bruno. **Saber ver a Arquitetura.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.